

Código de identificação do ficheiro: ALV01-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 37-42	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: A língua e a comunicação	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 01	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ1 Portanto, o senhor sabe aqui que fala dum maneira diferente, por exemplo de, das pessoas aqui dos Montes de Alvor, ou das pessoas ali de Portimão...

INF Pois, nós falamos... É claro, isto aqui há {pp} [ABlt-] três tons de fala: há na baixa... Eu é que fui criado na baixa, mas eu não sei. Eu não me responsabilizo à minha fala; não sei, quer dizer, [ABlnão] significa que a minha fala não oiço. Mas ele, às vezes, eu cheguei a Lisboa e diziam que eu não tinha fala de Alvor. E posso ter tal bastante. Mas aqui a baixa é mais carregado; no meio {pp} é menos carregado e lá para cima parece outra fala. E a gente temos de ter estas...

INQ2 Mas lá para cima para onde? Para Montes de Alvor?

INF {fp}Nãõ. {fp} Da parte [AB|da praça de] da praça que {PH|}emĩ=chamam) a praça de Alvor para cima já tem outro tom de fala. E somos três tons de fala. Aqui em baixo é que é mais carregado. E nós, mesmo que tenham outro tom de fala, mas vai buscar sempre {pp} o carregado porque nós estamos habituados aqui.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: ALV02-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apolinário Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 51-70	Inquiridor2: José Sobral
Assunto: Os rios	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 02	
Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02	

INF1 Eu não {IP|to=estou} assim bem dentro do assunto – porque {PH|nẽ=não} {IP|to=estou} dentro do assunto. Mas isto {pp} tem muita habitação.

INQ1 Mais ou menos quanto?

INF1 Tem muita habitação!

INF2 Quatro mil e quinhentas a cinco mil pessoas.

INF1 Tem muita habitação. Há-de {IP|tar=estar} aqui até muita habitação, em área quadrada. E há muita falta de casas. E {IP|ta=está} muito pessoal aí... [AB|Tem muita {fp}] Isto [AB|era] é uma terra {pp} que tem muita gente! Muita, muita! E acolhe-se cá! O pessoal todo dá-se bem aqui. Acolhe-se muita gente aqui a trabalhar. (Já agora tem aí a maior parte, muita gente)!

INF2 E a maior parte da malta que está aí nos hotéis são muitos filhos que são lá de cima do norte.

INF1 Pois, acolhe.

INF2 (Estão) empregados cá.

INF1 Isto era uma terra {pp} que dá produto. Quer dizer, dá (produção), pois dá. Isto temos muito pescador! {pp} E temos {RClmui=-muito}... É claro, {fp} [AB|tem muito] o rio dá muito consumo a muita coisa {pp}, {CT|praz=para as} iscas, para pescar. Mas agora estamos mal, anda-se aí mal, porque {IP|pẽ'narĩ=apanharam}... As faces da parte do rio [AB|mais] mais importantes, {IP|pẽ'narĩ=apanharam}! {pp} As faces do rio mais importantes! {IP|ta=Está} aqui uns viveiros, e {IP|tẽw=estão} fazendo muitas coisas que {PH|na=não} haviam de fazer: pôr pedras no rio. Se a natureza {pp} dá o marisco para nós pescar {pp}, foi a providência que deu {pp}. E {IP|tẽw=estão} a aterrar com pedras para nós não pescarmos, para nós não apanharmos... É [AB|um] um rico {pp}, que ele {PH|nẽ=não} precisa daquilo; é já para fazer mal a nós. Porque tem havido reclamações. Acho, acho eu {pp}, que ele tem compadres que tapem em Portimão. Acho eu, porque oiço dizer.

INQ2 Pois.

INF1 [AB|Que já] E até por acaso, ele é meu amigo e já tenho falado... Até uma ocasião falei-
{PH|li=lhe} mal. Porque {PH|nẽ=não} havia de falar, mas falei-({PH|li=lhe}). Porque ele já
{PH|nẽ=não} precisa disto {pp} e {IP|ta=está} pondo pedra miúda, brita, no rio – uma coisa que a
providência deu! Um rio tão rico que isto é {pp}! Há-de matar o rio. E se os senhores – eu não sei com
quem é que estou falando – se o senhor amanhã ou o seu superior {pp} querer ir ver, eu digo onde é
que é o rio (...), o senhor vai, com certeza, à mesma à pessoa, que já dei o meu nome {pp}, e vai lá, e o
senhor (...) diz assim: "Bem disse o rapaz: (se mete) como está [AB|este] este coiso". Só o que dá é por
cima, que ele põe a amêijoa. A natureza o que dá de dentro {PH|nẽ=não} arrebenta. Aquilo ({RC|tapa-
=tapado}) arrebenta {CT|ku=com o} pescador. E se ele pôr mais, como tinham o rio quase todo ele
{PH|ẽli'vadu=elevado} – diz que já pôs lá para umas (sacas) para elevá-lo todo; não basta ser pouco! –,
se ele pôr mais, arrebenta com a gente todos, marítimos. Não deve se arrebentar com todos. Todos
temos que comer. E todos temos que produzir. Assim não se produz. E os grandes não sabem isso!
INQ1 Mas porque é que ele põe a brita na...

INF1 Põe a brita [AB|para] por quase uma espécie de vingança, que ele já {PH|nẽ=não} precisa disso.

Código de identificação do ficheiro: ALV03-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apolinário Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 76-95	Inquiridor2:
Assunto: A sociedade: organização e situações marginais	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 03	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INF1 E nós {pp}, a sacrificar, vamos à isca. A minha mulher é como vê a trabalhar. E trabalha de noite e de dia! E de noite também. Levanta-se às cinco horas da manhã {pp} para ajudar a vida, {CT|pa=para a} gente {fp} resgatar a vida. E {IP|tẽw̃=estão} a atravessar a vida {pp} do pobre... E fazer mal ao Estado! (Ele) é o Estado... [AB|O rio] O Estado, ele pode pagar {PH|o}=aos} quinhentos escudos por ano... Vá que ele pague a um conto e quinhentos. A um conto e quinhentos, a gente, se calhar a coisa bem... A gente [AB|pode-] podemos (pôr) /perder\ as nossas artes – vê tanta arte que a gente tem aí... Tantos contos réis (que) {IP|tavũ=estavam} aí já empregados. {PH|nẽ=Não} julgue o senhor, uma arte destas já custa quase três contos. Quase. Este anzolinho está – não havia de estar mas está... {IP|tavẽ=Estava} a seis escudos, o ano passado, seis e quinhentos, [AB|este a-], agora {IP|ta=está} a vinte nove escudos! Uma madeixa de sedela destas {pp} {IP|tavẽ=estava} {fp} [AB|a cen- a, a nov-] a oitenta {pp} e cinco escudos – há quatro anos! Subiu, subiu. [AB|Há dois anos] Há dois anos {IP|tavẽ=estava} a noventa e {fp} cinco, depois a cento e vinte, agora {IP|ta=está} a trezentos {pp} e cinquenta! E não há. O que subiu as coisas! {IP|ta=Está} bem, eu acho justo, {RC|mai-=mas}, ainda sobem mais da conta. (Não havia de vir a ser) justificado? Sim, vem do estrangeiro... Se a madeixa sedela vem do estrangeiro {pp} por cento e cinquenta mil réis, qual é a razão de vender a trezentos e trinta? (O que não vem elevado)! Porque agora parece-me a mim que comprei uns anzóis... Que a um viajante, há dois meses, (vi eu) levar anzóis para vender a vinte e seis... {fp} Para ele venderam- {PH|li=lhe} a doze escudos e ele só podia vender a vinte dois. Portanto que as coisas vêm baratas. O mais, eles [AB|{IP|tẽw̃=estão}] têm os seus operários, [AB|têm {fp}] é claro, têm os seus... Nas casas têm que pagar, mas isto também não é assim que se faz.

INQ Pois.

INF1 Bem, tem que ter uma percentagem, a gente sabe disso, as coisas estão caras, eles também... Um homem já ganha nove ou dez contos. A gente sabe bem disso. Mas as coisas é tudo normal.

[AB|Aumenta este] {fp} Foram aumentados cem, {IP|ta=está} a vinte nove escudos os anzóis,
{CT|prɔ=para o} mês que vem está a trinta, {CT|prɔ=para o} outro mês... Então como é que é que isto
ele é feito?!

INF2 E não há!

INF1 [AB|E não] E não há que se (fechem). {PH|nẽ=Não} pode ser assim. A gente conhece que têm
que ganhar. Eles estão ali... Eu ganhar da minha vida e eles ganharam da deles! Mas não poderá ser
assim tudo à barrigada. Que mais tarde quem tem fome morre. {fp}E a coisa prolonga-se pelo lado do
mal... Sempre a gente explorar o outro, matar o outro, (explorar, explorar)! Queremos é igualdade, mas
quer dizer {pp} tudo viver de barriga cheia. "Só para mim"! Então e como é os outros? Como é os
nossos filhos? É porque eu hoje tenho negócio que os meus filhos amanhã (podem ir lá trabalhando). E
a gente temos que levar- {PH|li=lhe} alguma coisa. Porque a gente, nós precisarmos de alimento,
precisamos. Mas temos que ser iguais (...). E {PH|nẽ=não} somos. Ainda somos menos que era-se
antigamente. Agora ainda é cada vez pior. Sim, se aquele vende [AB|a dezano-] a vinte nove, ele, se
puder, vende a trinta e cinco, o outro vende a quarenta (e nove), e coisa e tal. E a gente já sabe que
temos que ganhar, temos... Porque hoje é assim. É demais, (explora-se) é demais! E cada vez pior!

Código de identificação do ficheiro: ALV04-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 101-115	Inquiridor2:
Assunto: Os barcos e a pesca	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 04	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ Olhe, aqui, aqui a maior parte das pessoas trabalham na, na pesca. Mas há algumas...

INF A maior parte é pescadores, exactamente. É pescadores... E é claro, a classe da gente nova {pp} {IPlta=está}-se a ocupar dos hotéis, muitos (é) empregados de hotéis. Mas assim já mais {pp} de quarenta anos, de trinta e tal, já vai tudo pescadores. Não quer dizer que um ou dois rapazes, ou cinco ou seis ou dez ou doze, ou quinze ou vinte, {PHlnẽ=não} (tenham) /têm\ o seus empregos de ofício...

INQ Pois.

INF É claro, em escritórios, (e coiso). Mas, quer dizer, a maior parte – a maioria – das três partes – (uma tira-se pela outra) –, o ofício é [RPlé], a maior parte, é pescador. Traineiras, às vezes há um (desarrumo), vêm {CTlpa]=para as} lanchinhas {pp} para pescar. A gente aqui, produz-se também peixe [ABlque vai {CTlpra=para a}{fp}] que vai {CTlpra=para a} Alemanha, vai para Itália e vai para Lisboa, e vai [ABlpara] para Setúbal. Daqui vai besugos, vai fanecas. E consome peixe pelos arredores, porque Alvor consome muito peixe. Não é só o valor que dá, também, para contribuições do Estado [Able {CTlpra]=para as}], (ele) é a área que satisfaz com o peixe. De Inverno, às vezes{fp}, a gente atira-se com um pedacinho de tempo. As traineiras, às vezes, não apanha peixe, as coisas (dão) mal. (Mas também) há pouca pesca e a gente, às vezes (astreve-se a mal). Temos uma barra muito má, muito ruim. Ninguém olha. Salva-vidas, não temos em Alvor! Porque (ele) havia-se de ter um salva-vidas com quarenta cavalos para ir{fp} ajudar a gente. Além disso, temos e {PHlnẽ=não} fazem caso de ir lá. Que um barquinho de borracha não serve. A gente temos visto a morte muito (...), o que vale não é a nossa barra, é a de Portimão. É a nossa salvação. E a gente vai pescar peixe para Silves, peixe para Monchique... {IPlta=Está} bem, {PHl'paĩ=pagam} o nosso trabalho. Mas vamos, quer dizer, é uma alimentação que dá, é uma grandeza que dá a Portugal.

INQ Pois. Ah, pois!

INF Dá ao Algarve! E fora do Algarve! Além de a gente pagarem e{fp} coisa e que vamos arriscados. Ainda se tivesse uma barra boa, nova ou assim uma barra escapatória, ou um rio escapatório, melhor, (...) ainda se trabalhava {pp} mais à foita. E como o filho de Alvor é arrojado e é trabalhador... Malandro não é, o marítimo não é! Não é, minha senhora, não é.

Código de identificação do ficheiro: ALV05-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 151-156	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 05	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ Olhe, aqui, por exemplo, aqui há uns anos houve muita emigração. Daqui foi muita gente para França, para a Alemanha?

INF Foi sim, foi. Mas não (era) /eram\ assim muita.

INQ Não foi assim muita?

INF Foi muita... Alguns, vários foram, mas não era muita. E a classe marítima também foram.

Também foram também os pedreiros, foram... Mas, aí para baixo, aí para baixo para Quarteira, e de Pêra para baixo é que foram mais. Assim aqui foram mas não era muito esta classe. Foram muitos – foram alguns – mas não era assim de dizer [AB]foram] deixamos falta, não senhora. Podia ser. A gente, isto é, a terra tem muito (do) pessoal, podia ir {pp} cinquenta ou sessenta ou setenta, mas há terras que foram mais de duzentos ou trezentos, aí dos arredores.

Código de identificação do ficheiro: ALV06-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 157-171	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 06	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ Olhe e têm assim posto-médico ou caixas de ...

INF1 Nós temos posto... Antigamente era pela casa dos pescadores. Agora vão ligar a caixa à casa dos pescadores... Eu {pp}, não conheço (sobre esse assunto), acho mal. Porque a casa dos pescadores, {IP|ta=está} bem que seja ligada, mas o doutor não pode dar consulta a todos. Porque é muita gente. Então isto é: {pp} Montes de Alvor, os arredores de Vale das Hortas, {pp} compete (Alvor e os Montes). [ABIOs arredores] Agora também compete a Torralta, mas a maior parte que {PH|'mɔrĩ=moram} aqui nos arredores é tudo Alvor. Um médico só não dá (avondo) /a volta\.

INQ É só um médico?

INF1 Pode ser que continue é o médico... E por acaso é o... Como é o Belarmino? [ABIO Belarmino? O...]

INF2 Apolino Belarmino.

INF1 Apolino Belarmino. E é bom tipo, bom sujeito, gosto muito dele. Já fui... Oxalá que nunca vá. Mas já fui, gosto muito dele. Mas {PH|nẽ=não} pode é dar {pp} as consultas de tanta gente (toda). Agora [AB|vai {fp}] vai o pescador juntar-se {CT|ku=com o} terrestre. É a caixa e é o pescador. Ora, é tanta gente, pois ficam (sempre)... Não podem todos ficar é... {fp} E, às vezes, é coisa de urgência e o homem não dá conta de tudo. É, porque é o homem sozinho. Temos dois braços não temos quatro. É natural, (tornando as culpas do homem do outro lado), é que ele {PH|nẽ=não} pode dar consulta a todos.

INF2 E ainda não há um médico...

INF1 Tem que ficar uns... E depois já vão de madrugada! [AB|Já] Já começou a ir de manhã, de manhãzinha. (Plantou o nome), chegou {PH|o=ao} ponto... Oito horas ou nove, "já têm pessoal"!

INF2 Por volta das cinco horas da manhã se alevantarem...

INF1 Que o homem {PH|nẽ=não} dá conta de tudo, {PH|nẽ=não} pode ser. Acho muito pouco. É claro, no meu ver, não quer dizer...

INQ Precisavam mais médicos.

INF1 Exactamente, não quer dizer [AB|que] é que (mude) [AB|lou] ou que venha... Mas eu, no meu ver, acho que seja pouco.

INQ Pois é.

INF1 Porque isto, se fosse só Alvor, remediava. [AB|É os a-] Com licença. É os arredores.

INQ Que é muita gente...

INF1 (Porque lá está) muita gente a trabalhar. (...) Caixa, Alvor. Caixa, Alvor.

INF2 É a caixa e a casa dos pescadores.

INF1 [AB|E] E a casa dos pescadores agora é junto. E é um homem só. Isso é pouco.

Código de identificação do ficheiro: ALV07-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 206-221	Inquiridor2:
Assunto: A pesca	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 14 faixa: 07	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ Olhe, portanto, já há bocado estivemos a falar, portanto, isto aqui serve para ir à pesca de quê?

INF {fp} Isto {fp}, (a preta), minha senhora, (que está aí pescando), é berbigão e é lagueirão.

INQ Pois.

INF Serve para ir à pesca de vários peixes {fp}, assim principalmente os peixes que a gente {fp} apanha mais nesta pesca miúda, (mais ao) miúdo, é o {fp} besugo, é a bica, a safia, a faneca e a choupa – 'preferíveis'! Quer dizer, há vários. Vem a arraia, vem o safio, vem a moreia, vem a garoupa, vem o 'rascaço', mas é vários... [ABIO com-] Aqueles mais (de destino) é: besugo, {pp} safia, {pp} faneca e choupa. E também vem o pargo.

INQ Pois. Tudo isso são diversas variedades de...

INF Sim. Mas é o que mais mata no anzol fino.

INQ Pois.

INF Tirando isso {pp}, (para ir a) pesca, iscamos as nossas artes, para ir lançar ao mar, para ir à pesca, para apanhar peixe. É o nosso uso [AB]pes-] de a gente falar. "Vamos à pesca". "Vamos pescar". "Então pescaste muito? Apanhaste muito peixe? Apanhaste muito peixe"? "Pois apanhei, sim". Ou: "{PHInẽ=Não} apanhei". Ou: "{PHInẽ=Não} houve pesca nenhuma". Ou: "Houve pouca". É. A gente fala assim um com o outro: "Então apanhaste muito peixe, fulano"? "Olha, a pesca hoje foi pouca. Foi má. {pp} A pesca hoje foi má". "Então"?... "Ah! Escapou". Às vezes, a gente diz assim: "Deus não dá menos, a coisa está razoável". E outras vezes, a gente diz: "Ah, {IP|ta=está} fraco. Mas {fp} lá pode vir um dia que venha melhor". {pp}

INQ Pois.

INF A vida do pescador é assim.

Código de identificação do ficheiro: ALV08-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 233-249	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 08	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INQ1 Olhe e o peixe... Há um peixe que faz mal comê-lo...

INF1 O cherne?

INQ1 Não. Assim... Há um... Há umas variedades de peixe que são boas para a gente comer, não é?

INF2 Para quem não tem doenças, é. Exactamente.

INF1 Para pessoas doentes, não podem comer várias qualidades.

INF2 Pois, olhe, eles dizem: "há o peixe ruim"... É. E é mau. A gente é que diz que não. O safio é ruim para quem [ABItem] sofre do estômago. É a choupa. O besugo é muito bom, mas melhor é faneca! A faneca e a safia! A safia não faz mal a doente nenhum; o besugo não faz mal também; e a faneca é também o melhor peixe que há no mar para comer do doente. Pode comer qualquer doente que tenha qualquer doença – seja o que for – uma faneca. É o melhor peixe. E é o besugo.

INF3 O linguado.

INF2 O linguado, não faz mal, é peixe branco. [ABI]Agora já]

INQ2 Peixe quê, diga?

INF2 O linguado.

INQ2 É p... O senhor disse?...

INF2 Branco. É um peixe branco. Não faz mal a pessoa nenhuma. Já a choupa, já é mais reimoso.

INQ1 Pois. Pois. E como é que chamam a esses? Como é que chamam a esses que, que fazem mal?

Portanto...

INF2 [ABIRei-] Reimosos. A gente chama-{PHIli=lhe} é reimosos.

INF3 É azul.

INF2 É azul. A gente chama azul ou reimosos porque faz mal a nós.

INQ1 Pois. Portanto o azul é o mesmo que reimoso?

INF2 Pois. A gente disse que chama-{PHIli=lhe}... É a cavala, que é um peixe muito mau, o charro {pp}, o negrão {pp}... O garapau é muito bom, não faz mal a pessoa nenhuma também. [ABIE depois] E é como eu disse.

INF3 E sardinha, não?

INF2 A sardinha também faz mal. Muito bom peixe, mas faz mal a doenças. Agora qualquer doutor pode receitar comer um besuguinho, comer uma safia... Nada faz mal. E a faneca então é a principal. A faneca então é que não faz mal a pessoa nenhuma. O peixinho branco, o peixinho branco não faz mal, tenha a doença que for.

Código de identificação do ficheiro: ALV09-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 255-273	Inquiridor2:
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Ernestina Carrilho CD nº: 15 faixa: 09	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Mar.02

INF Quando tu levantas aqueles pequenos {fp}, a gente abre a barriga e têm [ABlaqueles] aqueles baguinhos, já é a ova. É como a ova da sardinha. Se uma traineira anda ao mar – porque eu conheço pouco mais ou menos –, se anda dez meses no mar, ela tem que {PHlɐpɐ'rar=parar}. Mas {PHlɐ'parɐ=pára} várias. Não {PHlɐ'parɐ=pára} quando a ova da sardinha está desovada. Porque se matassem uma pequena, eu não {IPl'tavɐ=estava} aqui a falar. Já, pelo menos, {pp} em Janeiro e Fevereiro devia ser proibido de ir ao mar. Como é que queremos a coisa avançada? Não. Porque (se) {IPlta=está} na ova da sardinha, elas que têm que vir à terra, de qualquer maneira. Elas estão doentes, elas têm que vir à terra, porque só têm [RPlsó têm] espinha e pele. A doença. A sardinha {IPlta=está} doente. Ela tem (aquele destino). A ova {PHlli=lhe} aperta, abrem, a sardinha anda com a cabeça em cima e dirige-se do mar fora, vem à cá à borda de água, mesmo à borda de água. É onde (é que) eles fazem a matança. (Morre tantos) centos de sardinha, os primeiros dois meses. Se uma traineira durante um ano pára um mês e meio, quando calha hoje, já não param amanhã; pára (a) outra. {CTlpa=Para a} reparação, (pois ele paravam) /pois eles paravam\ dois meses. Todas iguais! Para a ova sair e se criar. "Porquê"? O mar é grande, a gente diz que não faz falta, mas (temos)... Há abundância. Mas, às vezes, faz falta, há períodos que faz falta. E já não se vê criação como se via. Porque o mar é muito grande, por isso dá o rendimento, mas também há muita escassez. Também a costa de Espanha, é bastante grande, já falta pequena, já falta peixe. Escasseou. Portanto, da ova, os dois meses {fp}... Eu acho que havia... A gente arremediava-se todos. Tinha-se as nossas pescas {pp}. É pescadores, eles sabem pescar. Mas dois meses {pp} para a ova... Quer dizer, eu não ando hoje na sardinha mas amanhã posso andar. E vejo! Um período já houve defeso. E o período de defeso é muito bom! Não é a prejudicar ninguém. Não prejudica Estado, {pp} que vai {pp} lucrar. À sardinha que eles matam do Alvor pequenina, que eles que estripam toda, essa sardinha vai ser mãe. Assim morre em pequena, [ABlnun-] nunca chega a ser mãe. E [ABlo] o Estado vai lucrar. "Não lucra agora, não lucra". Mas quem saiba,

com as águas vem à terra, em lugar de apanhar um barco pode-se apanhar três barcos. Lucra mais tarde.

E lucra nós e lucra todos.

INQ Ah, pois.

INF Porque matando a criação é que não lucram nada.

Código de identificação do ficheiro: ALV10-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 282-286	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 10	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INF1 A sardinha pode-se comer fresca {pp}, ou que seja {fp} salgada para alimar. Quer dizer, tira-se a escama e tira-se {fp} a pele e alima-se com vinagre e coiso e (trata-se). A sardinha come-se de várias qualidades: {pp} assada...

INQ1 Fresca. Pois. Pois. Pode... Ou então pode ir, por exemplo, se a levarem ali às fábricas...

INQ2 Como é que se chama esse?

INF1 {CT|pa=Para a} {RC|conse=conserva}. {CT|pa=Para a} conserva.

INQ2 Esse que disse agora?

INF1 Assada.

INQ2 Ah! Ah, está bem!

INF1 Assada, alimada, {pp} de caldeirada {pp} e de água de azeite e vinagre.

INF2 De caldeirada.

INF1 A sardinha come-se de várias {RC|quali=qualidades}, de várias espécies.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: ALV11-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 290-294	Inquiridor2:
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 11	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INF [AB|Se] A gente cá chama savelha, mas não é igual. É parecido.

INQ *Não é, não.*

INF Cá não é igual. É parecido!

INQ *É parecido.*

INF Chama-se [AB|se-] savelha.

INQ *E o outro, é o?...*

INF O sável, o sável. Chamamos-{PH|li=lhe} sável. Lá para cima, lá {CT|po=para o} norte – que eu andei com um rapaz lá do arrasto, andei com rapazes da Figueira –, diz que largava (.../N), apanhava aquele peixe. Mas a gente chama cá {pp} esse peixe... Às vezes dá-se o nome, mas não é. É a savelha, que não é igual.

INQ *Pois, não é, não.*

INF Tem... É exactamente... Quem a vê e não conhece diz que é igual, mas {PH|nẽ=não } é igual. O outro peixe é mais saboroso, é outro peixe melhor. A gente diz que é igual.

Código de identificação do ficheiro: ALV12-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 301-316	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 12	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ1 Há uns peixes que têm umas barbatanas muito grandes, que até voam.

INF Pois, é. É o peixe-avoador. [ABIHá aqui] Aqui há vários. Há muitos também.

INQ2 Como é que se chama?

INQ1 Há aqui muitos?

INF O avoador. O peixe-avoador.

INQ1 Há muitos por aqui?

INF Há. Há vários. Mas a arrastar ainda encontra-se mais. (No espécie de) aqui ao pé da Torralta, no Vau, encontra-se muitos de Verão {pp}. {PHlɐ'voẽ=Avoam}. {pp} Esvoaçam aí com a {PHlɐ'kaɫmɐ=calma}. Há muitas calmas, aqui {PHlɐ'voẽ=avoam} {pp} muito. E {PHlɐ'ʃegĩ=chegam} [ABla v-] a voar {pp} nove ou dez metros {pp}, fora de água, e lá vão avoando. {PHl'ʃegĩs=Chegam-se}, às vezes, a ver três, quatro, conforme. Quer dizer, a quantidade nunca é muita. Mas aqui há vários. [ABIÉ aquele, aque-] Aquele peixe nunca há assim muita abundância. Ou que a criação é pouca ou... Nunca há muita... Mas vê-se aqui, às vezes, cinco, seis. {PHlnẽ=Não} quer dizer com isso que vê-se tudo {PHlɔ=ao} mesmo tempo. Avoa um... Agora um... Mas chega a voar, às vezes, (já os dois à uma)... A parte aqui da Torralta, do Vau, ainda há. É onde é que tenho visto mais no Algarve é aqui – rente à terra. {pp} E o peixe vai sem direcção. Eu andava, uma ocasião, (no Cabo Branco), e vai, (tomba) uma. Diz o capitão: "Que pedrada é esta que foi aí? O que é que eu ouvi"? Vim ver, cá baixo, era um peixe, um avoador. Avoa {pp}, o peixe. Quando avoam, vêm sem direcção; porque ele, se visse, desviava-se. Ele, quando avoa, não vê. Vem sem direcção.

INQ1 E então, bateu no barco e caiu...

INF Bateu no barco {pp} e bate em qualquer pessoa... Já tem batido numas {fp} certas pessoas. Que o peixe vem... Eu acho que o peixe, quando vem, quando avoa fora de água, fecha os olhos. Se ele visse, ele desviava-se. Ele vem daquela direcção, seja para onde é que for, ele [ABlate-] aterra.

Código de identificação do ficheiro: ALV13-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 390-402	Inquiridor2:
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 13	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ E o coiso, e o... Mas há outro aqui, que há cá em Portugal, mais pequeno, mas chegam a ser assim deste tamanho, grandes... Boas postas, muito bom, também.

INF1 [AB|Não é o] Não é o {PH|'neru=nero}?

INQ Não é o nero. É branco, é fino também, assim.

INF1 Comprido?

INQ Sim.

INF1 Isso é finão.

INQ Não.

INF2 Têm-no aí?

INF1 Cá da nossa costa, pois eu quase todos os peixes tenho apanhado. Às vezes, uma pessoa não vem-
{PH|li=lhe} à cabeça {fp} o que possa ser. Às vezes, não vem {fp} a tendência para dizer.

INQ Não será... Não conhece a corvina?

INF1 Exactamente. É a corvina. Mas a corvina é quase branca, assim [AB|amar-]

INQ Pois.

INF1 uma espécie acinzentada {pp} e comprida. Há corvinas de{fp} quarenta, cinquenta e quase sessenta quilos.

Código de identificação do ficheiro: ALV14-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 01 lado: A min: 404-409	Inquiridor2:
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 14	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ Olhe, e um, e um peixe que há assim preto, espalmado, que também dá bons filetes?

INF1 A xaputa. {pp}

INF2 Não é xaputa.

INF1 É o peixe que dá mais filetes, em bondade, em bons, é a xaputa. A xaputa é um peixe bom! É um peixe do alto. Às vezes vem à terra {pp} com as sardinhas, vem à terra, mas retira sempre. É só um peixe sempre da fundura. É a xaputa.

Código de identificação do ficheiro: ALV15-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 424-428	Inquiridor2:
Assunto: Os peixes	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 15	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INF Quer dizer, o mulato também se encontra cá, {pp} mas é pouco. O pargo-mulato também se encontra cá, mas é pouco.

INQ Pois.

INF E há também junto {CTlku=com o} sargo, há a viúva, {pp} que é um peixe que tem uma malhinha do rabo.

INQ Pois.

INF Também rente à terra, é a viúva. Junto com o sargo, há a viúva. Não há tanto enquanto [ABlc-] cardume, mas há. {pp} Aparece.

Código de identificação do ficheiro: ALV16-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 446-457	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 16	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ1 O pargo tem aquela cabeça assim mais alta por cima...

INF E é branco? O peixe é branco?

INQ1 É peixe branco.

INF Ferreira. A gente chama cá ferreiras, as compridas. Mais comprida. Mas [ABlé, é] é espécie do pargo mas é branco. Assim branco. E o focinho mais agudo.

INQ1 Mais comprida. Pois.

INF É a ferreira. Também anda em (mar terreno).

INQ1 Pois. Mas há um que é um bocadinho mais cinzento que o pargo, às vezes até tem uma manchinha, assim escura, a meio da pele...

INF Pois, pois. É o sargo-veado. É o tal veado. É igual {PH|o=ao} pargo, mas tem uma manchinha...

Ele tem uma manchinha escura e, às vezes, tira para cor-de-rosa {pp}, com as manchas {pp} enviesadas. Chama-se o pargo-veado.

INQ1 E o...

INQ2 E o goraz não existe?

INF E há pargo também dourado.

INQ1 Pois.

INF E há goraz.

INQ2 Há como?

INF O goraz. O goraz é peixe lá de fora mais.

INQ1 Pois.

INF [ABIE há duas] Aqui há duas qualidades de pargo: há {RC|pargo-vea==(pargo-veado)}... {fp}

Agora é que eu me lembrou: há pargo dourado {pp}, que tem uma malha {pp} na cara. Será esse que o senhor diz. É o pargo dourado.

Código de identificação do ficheiro: ALV17-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 470-484	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 17	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ1 Olhe, e um que há, umas que há pequeni-, uns peixes pequeninos que há assim deste tamanho, que aparecem também, às vezes, à entrada dos rios e junto à costa...

INF1 Muge. {pp} À entrada do rio, muge. É. O muge [ABlé uns] é o que se chama a gente [ABlqua-] quando anda dentro do rio – um muge. Que é o tal negrão, que já disse, e é o garrento. Chama-se a gente muge. Quer dizer, se (ele) ali ficasse... Há muitas qualidades, mas a gente dá sempre...

INF2 Há aqueles pequenos.

INF1 E é o peixe-rei também. Eles vêm à barra, vêm ao rio.

INF2 São uns sarguitozinhos.

INQ1 Uns assim... É um bocadinho mais pequenina que a faneca, mas é assim espalmada, este que eu digo, e é um peixe gordo. É muito bom para grelhar.

INF1 E cresce?

INQ1 Hum, é assim pequenino.

INF1 Mais espalmado que a faneca? E cresce?

INQ1 Sim. É assim espalmado como a faneca.

INQ2 Se cresce?

INQ1 Não muito, não muito, não.

INF1 Não muito. Pois, é o badejo, como eu {PHlli=lhe} ali dizia. O badejo é de várias qualidades. É assim e chega a ter até quase um quilo. É, aparece aí uma altura que eles dão mais. Depois {pp}, daí, já não se está a dizer as maiores – (é o que é meio).

INQ1 Aqui não há bogas?

INF1 Boga, exactamente.

INQ1 Então e como é a boga?

INF1 A boga {pp} é um peixe também que não é muito próprio para o doente.

INQ1 Pois.

INF1 Não é muito próprio para o doente. É um peixe mais seco.

Código de identificação do ficheiro: ALV18-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 496-498	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 18	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ Olhe e um parecido com a cavala, mas tem os olhos mais pequeninos?

INF1 Sarda.

INF2 Sarda.

INF1 Exactamente, é a sarda. {pp} A sarda é (bestial). Ele é um peixe {pp}, é gordo {pp}, mas é um peixe que num instante faz-se mole.

Código de identificação do ficheiro: ALV19-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 526-533	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 19	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ Olhe e o caboz, o que é?

INF1 O caboz? Pois o caboz é um peixinho que nunca cresce muito. É sempre pequeno, é sempre pequeno.

INF2 É sempre do mesmo tamanho.

INF1 Quer dizer, isso já se sabe, ao nascer é mais pequeno. Há no rio, há nas pedras e há lá fora.

Variamente, há por todo o mar, o caboz. Mas o que não cresce é mais daquela conta. [AB|Aí com]

INQ E é bom para comer?

INF1 [AB|Aí] É bom para comer. {pp} É bom para comer, mas o que é, a gente, (olha), como é pequenino... É assim um peixe muito branco, (muito luzidio)... Ele parece-me que {pp} há duas raças, há uma que não cresce muito, é assim tamanho de um dedo e há outros maiorzitos. Mas que ele é bom para comer, é. Nos rios é que cresce mais um bocadinho. [AB|Na] Fora da barra nunca crescem muito.

Código de identificação do ficheiro: ALV20-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Apolinário Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 575-607	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes e a pesca
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 20	Data da primeira transcrição: Dez.01 Data da revisão final: Dez.02

INQ E aí um peixe que deveria ant-, devia antigamente subir por aqui, se calhar aqui havia... Que parece uma cobra...

INF1 Uma cobra? Uma eiró.

INF2 Ah! Eiró. É enguia

INQ1 Pois.

INF2 lá, é, no norte, e cá, é eiró. São dois nomes.

INQ1 Pois. Olhe, e...

INQ2 Olhe e há bocadinho falou num...

INQ1 Aqui havia?

INF2 Havia e há.

INQ1 Havia e há?

INF2 E há. Havia e há. E eu já... Havia muitos, mas como o rio {IP|ta=está} {pp} assim um pedacinho estragado, mas há ainda. Ainda há. Há, bastante.

INQ1 E pescam-se aqui?

INF2 Pesca-se, quando calha. Assim, ele passa principalmente de Inverno... Há {pp} o que {PH|nẽ=não} havia de haver: há as figgas que {PH|lri'bētẽ=arrebentam} com elas logo em pequeninas.

INQ1 Ai é?

INF2 Que eu sou pescador e condeno. Já tenho ali uma vara para comprar uma figga, mas já {pp} vejo que é injusto, {PH|nẽ=não} compro figga. Elas arrebentam com elas pequeninas, (porque)

{IP|tẽw=estão} no criadouro, {IP|tẽw=estão} nos olheiros, e eles vão, traçam. As pequeninas, traçam pelo meio – que não têm utilidade nenhuma – logo do tamanho duns alfinetes!

INF1 Põem sal para apanhá-las!

INF2 Pouco {PH|ku'mesẽ=começam} a crescer do tamanho duns alfinetes. Assim como tenham da grossura do dedo mindinho ou mesmo mais pequenas, eles {fp} {PH|lri'bētẽ=arrebentam} com elas

todas, lá com a fisga. Nunca existiu a fisga! E é proibido. E há os faróis aí... Isto, isto está tudo mal!
 Há uns (que andam hoje) aí que apanham (o) linguado, desde pequenino, só para três ou quatro homens
 que se (dedica) /dedicam\ à bebida. Porque esses homens não querem trabalhar e andam sempre na
 bebida e vão aí ganhar quinze ou vinte mil réis, [AB|lou] ou duzentos ou trezentos mil réis... Esses,
 {PH|nẽ=não} pagam (eles) /direitos\ ao Estado. Esses, {PH|nẽ=não} pagam direitos ao Estado. E só
 {PH|v'matẽ=matam} o linguadinho desde o pequenino {pp} até o grande, {pp} desde que eles nascem!
 {pp} Que há gente para tudo. {PH|ẽ'rõĩ=Enrolam} aquilo com farinha e comem. Mas aquilo
 {PH|nẽ=não} dá lucro nenhum. Só o que dá é que eles {PH|'gajẽ=ganham} cinquenta ou setenta mil
 réis ou oitenta para bebida. Afinal aquilo é alguma fartura?! Mas então eles {PH|pu'diẽ=podiam} ir
 mariscar de dia, com os pés {PH|p'p'ņavẽ=apanhavam} {pp} cinco ou seis peixes daqueles,
 {PH|v'ẽ=vendiam}... Era lucro {pp} para quem comia e era lucro para toda a gente. Assim,
 {PH|'matẽ=matam} logo em pequeninos que isto aí {PH|nẽ=não} vai parar nada neste rio. A um rio tão
 rico, não vai parar nada! Isto {IP|ta=está} num relaxo que ninguém faz caso disto. {fp} Hoje em dia
 ninguém faz caso do nosso rio de Alvor. {IP|ta=Está} desprezado. Numa terra de tanto pescador,
 ninguém olha. E às vezes a olhar: "Vai-se fazer aqui já quê"?! "Eu {PH|nẽ=não} conheço ninguém". Se
 eu cá conhecesse, eu falava! Falava e sabia. E sabia pouco mais ou menos. Assim [AB|{PH|nẽ=não}
 sabia es-] não sabia as palavras muito {pp} políticas, mas falava como sabia. Sabia resolver o assunto,
 pouco mais ou menos.

INQI Pois era.

Código de identificação do ficheiro: ALV21-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: A min: 617-658	Inquiridor2: José Sobral
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 21	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Dez.02

*INQ1 Olhe, aquele, aquele que é parecido, que é como se fosse um... Ai, como é que se chama aquilo?
Como se fosse um tubarão, mas pequenino?*

INF1 Ah! É{fp}... Aquilo é – chama-se-{PHlli=lhe} a gente – um tubarão, tal e qual. É uma guelha. A gente chama aqui uma guelha. E há quem diga o tintureira.

INQ1 Pois.

INF2 O tubarão pequenino é o anequim, homem!

INQ2 Pois.

INF1 Não{fp}. A rapariga diz que é um (do) espécie dum tubarão, {fp} um pequenino.

INF2 Então não é o anequim?

INF1 Não, é a guelha. Isso o anequim faz-se também. O anequim tem uma espécie de... Há a guelha – a tintureira é o mesmo – e há o anequim.

INQ2 O anequim é que, de que tamanho?

INF1 É o anequim que faz-se... Vara-se, faz-se... (Que) o anequim começa de coiso, depois de ter sete ou oito ou nove ou dez quilos.

INF2 O anequim é o peixe mais feroz do mar, homem!

INF1 É o anequim. E tem o olho branco. Isso é grandes. É já{fp} avançado. É um peixe que pesa arrobas.

INQ2 Ai é? E aparecem aí?

INF1 Aparece. O olho branco aparece aí fora. Agora a tintureira é um peixe muito terrível! Muito terrível! E é o anequim.

INQ1 Olhe, e outro mais pequeno que a tintureira, pequenino?

INF2 Pata-roxa.

INQ2 Diga, diga.

INF2 É pata-roxa.

INF1 É pata... É uma espécie, mas é doutro género.

INF2 É o cação.

INF1 É o cação manso.

INF2 É.

INF1 E há a pata-roxa.

INQ2 Pois. E, e o, e esses atacam o homem?

INF1 A tintureira ataca muito. O anequim {PHIna=não} ataca tanto como a tintureira. O anequim só se {IPIti¹ves=estivesse} ferido.

INQ2 E mordem, é?

INF1 O anequim morde. O anequim despedaça uma pessoa. Se a gente apanha um anequim, que ele possa apanhar a gente, [ABl(eu) /ele\ des-] eu despedaço-o todo. Ele [ABles-] {PHIdi{fb'kejv=esfaqueia} uma pessoa, o anequim. Agora, a tintureira, (se) uma pessoa vai tomar banho {pp}, que esteja (e) não tenha calções, a tintureira ataca o homem. Sobe às partes. Vai logo direita [ABl^a] às partes do homem. Mata o homem. É preciso conta. Aqui ao rés de terra, não. Mas, às vezes, uma pessoa joga-se ao mar... {PHIn^ũ=Não} calha a ver mas, às vezes, aparece uma tintureira, a tintureira não tem medo do homem. Ataca o homem. A tintureira {fp} é o inimigo do homem.

INQ1 Como é que se chama essa?

INF1 Tintureira. Ou que seja a guelha.

INQ2 Pois. E que tamanho é, mais ou menos?

INF1 Chega a crescer muito. Chega a crescer muito. Chega a ter quase uma braça da gente, (chega a ser) do tamanho dum homem.

INF2 Há peixes, às vezes, que é quase dois homens.

INF1 Às vezes, chega... E um peixe... Há peixes daqueles que têm cinco, seis... Aquilo sete, oito quilos, nove, dez quilos, já é um peixe avultado. São peixes grandes.

INQ1 Mas não aparece aqui à borda de água, pois não?

INF1 Isso aí à borda de água é raro. Vêm também às vezes, mas é raro. E têm (alguns) ou duas ou três carreiras de dentes, têm serrilha tal e qual como uma serra, de lado em lado.

INF2 (Igual como os humanos).

INF1 Uma espécie do anequim. Tem serrilha de lado em lado. E aquilo corta! Corta é fácil. Às vezes a gente leva sardinha e aquilo cortam, 'estraçam', sem dúvida nenhuma. Cortam... Jogando a boca ao peito, parte logo o peito. Aquilo até nem [RPInem] se traçam; a nossa arte corta logo aquilo.

INF2 Traça que tem os dentes.

INF1 É uma serra completamente.

Código de identificação do ficheiro: ALV22-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 659-680	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 22	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Jan.03

INQ1 Olhe, e um peixe que, que, que anda assim junto ao fundo, junto ao fundo, que tem assim este formato. Anda assim junto ao fundo, tem um rabo e, às vezes até dizem que...

INF1 Isso é tainha? (...)

INQ2 Não. A que dá choque...

INQ1 Não. Que tem... Que dá choque...

INF2 A gente, a gente chama-{PHli=lhe} uma tremelga.

INQ1 Pois.

INF2 (E da base) da tremelga rente ao fundo, anda o rato, anda a {PHl'urʃv=ucha} {pp} e é o género de peixes {pp}.

INQ1 Pois.

INF2 Com a diferença: a tremelga é redonda.

INQ1 É assim, tem assim... A tremelga é assim...

INF2 assim com umas pintas.

INQ1 Pois, com umas pintas e uma...

INF2 e tem a carne morta que a gente chama... Ou a carne morta ou que seja a carne viva {pp},

INQ1 Pois.

INF2 que a gente vai-{PHli=lhe} mexer... Eu, não faz mal mexer nela, mas há quem {PHlnẽ=não} possa mexer. Dá um 'estremeço' do corpo.

INQ2 Pois.

INF2 Pois. E temos o rato, que é uma espécie do mesmo peixe – [ABlnão] não é igual, sim, quer dizer, a mesma forma quando anda rente à borda de água –, [AB|com uma] com uma serra no rabo. Que também é um peixe muito terrível. É o rato e a ucha.

INQ1 Pois. Olhe e não sei se...

INF1 O que o rato tem um é um pico, assim, também.

INQ2 A ucha também tem a serra no rabo, ou não?

INF2 Tem a serra no rabo. Uma serra com três quinas: para dentro enfia e para fora não pode-se tirar. Já tem sido um caso muito sério. A serra é assim do lado de trás. Enfia... A serra é assim. Vai enfiando. Indo para dentro, não se pode tirar. [AB|Aquilo é] Uma picada daquilo [AB|é uma] é uma desgraça.

Código de identificação do ficheiro: ALV23-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: A min: 680-688	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 23	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Jan.03

INQ Olhe e aqui há uns parecidos com a, com a eiró, não sei se aqui entram, que têm uma espécie de ventosa, que colam-se ao peixe...

INF1 Não há aqui, mas sei. É a lampreia. Não há cá. É raro. Quer dizer, não há... Já tenho visto duas ou três, mas é raro. Mas é a lampreia.

INQ Pois.

INF1 Parece [A Bluma es-] uma flauta. É a lampreia.

INQ É, é. Tem aqueles buraquinhos aqui assim...

INF2 Agarra-se nos barcos.

INF1 Agarra-se sim, agarra-se... Mas aqui é pouco, lá na costa norte é que há mais. Mas não quer dizer que não haja, mas (ele) /é\ é raro quando se vê. E é a lampreia.

Código de identificação do ficheiro: ALV24-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 02-12	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Não aplicável
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 24	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Jan.03

INF1 {PHlɔ=Ao} sábado há sempre vagar.

INQ1 Pois.

INF1 {PHlɔ=Ao} sábado há sempre vagar.

INF2 Há. Sim, sim.

INQ2 Sim?

INF1 Sim, {PHlɔ=ao} sábado há sempre vagar. Sábado há sempre vagar. Sempre! Da parte da tarde agora...

INQ2 Mas porquê?

INF1 Porque a gente, o sábado {pp} é semanal.

INF2 Isso é bom agora.

INF1 E a gente, às vezes {pp}, quando chega o sábado é um pequeno descanso. Às vezes, a gente (abala) para se perder um bocado... O senhor sabe aonde é que é a minha casa?

INQ2 Não.

INQ1 Não, não.

INF1 Pois, a minha senhora vai para cima. [ABlSe, se] Pois eu posso dizer- {PHlli=lhe} (de) estar aqui mais um bocadinho, mas a minha senhora vai para cima. [ABl E {PHlɔ=ao} sábado] {pp} E {PHlɔ=ao} sábado, pois, os senhores se {PH|i'garĩ=chegaram} à porta {pp}, pouco mais ou menos...

INQ1 Pois é. Pois.

INF1 [ABlSe vir cedo, a-] Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar {CTlɔ=para o} almoço. Não tenha medo. Alguma coisa há-de-se arranjar. Se vir cedo, alguma coisa há-de-se arranjar. Então isso [ABlnão há] não há problema. Se vir cedo, isso há o que a gente come, ou peixe ou que seja carne ou que seja peixe, mas peixe também é bom! O peixe cá também é bom, quando houver. Seja o que for, a

gente arremedeia. Somos classe pobre, qualquer coisa... Só o que sei é o bom agrado. Alguma coisa há-de haver.

INQ1 Muito obrigado.

INQ2 Olhe... Não... Pois. Sim, mas deixe estar... Não.

INF1 E se é preciso passar uma noite também (é) /há\.. Arranja-se também encosto. {fp} Arranja-se também encosto, que mal não seja a gente temos que{fp} determinar {fp}, seja para onde é que for...

Há-de haver lá uma caminha de resguardo. A gente não é de se fazer é...

INQ2 Não. Obrigada.

INQ1 Nós, casa, temos aqui. Nós estamos aqui perto. Estamos aqui no Vau.

INQ2 Estamos no Vau.

INF1 Ah, sim!

INQ1 Estamos aqui pertinho.

INF1 Ai, vossemecês estão no Vau? Mas estão hospedados ou quê?

INQ2 Não. Temos... Há um amigo nosso que tem lá uma casa.

INQ1 Estamos no Vau. Há um ami-, um amigo nosso que tem lá uma casita.

INF1 Ah, sim! Pois. Se não tivessem e quisessem passar um dia ou dois de noite, pois arranjava-se ali cómodo, cómodo

INQ2 Pois. Não obrigado.

INF1 (porque) /que\ eu tenho para pôr.

INQ2 Estamos aqui mesmo ao pé.

INF1 Às vezes podia {PHInã=não} ter. É.

INQ2 Pois claro.

INF1 Sim. Já não tive cómodo {pp} e agora tenho.

Código de identificação do ficheiro: ALV25-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 01 lado: B min: 40-47	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Não aplicável
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 25	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Jan.03

INF Eu fui [ABlum, um] um escravo em [ABlescr-] escravidão... Quando quis orientar a minha vida – porque nada tinha, é claro, as coisas são assim, e eu fui um escravo –, eu cheguei [ABla d-] a me deitar ao mar, de noite, ir daqui {pp} a remo. Ia-me deitar além à barra, de noite, ao mar, com água pelos peitos, nu, {pp} para vencer a maré, para vencer a vida, para não voltar para trás, por causa que a maré não deixava a gente seguir. Porque {PHlnẽ=não} tinha-se motores, {PHlnẽ=não} tinha nada. Cheguei a ir nu. Chegava de fora da barra, dentro do (Hugo), a tremer com o frio, [ABlquase] quase a rilhar com a frieza. A gente chegávamos ao (Hugo), que {PHlnẽ=não} tinha medo nenhum. Pois, e agora, agora, a pessoa já vai mais {pp} tendo mais tremor, mais medo! Ele nunca me olhava a nada, nunca tinha medo nenhum! E mesmo... {fp} Então, que eu, eu andei vários anos aqui à vela, {PHlõ=ao} dia. Ia {PHlõ=ao} dia. Mas o senhor agora pode perguntar, pode calhar ali, ou pode perguntar a qualquer pessoa: (o tio) Aprígio, o rapaz que está lá abaixo, que já foi contramestre. [ABlSem ser] Aprígio há dois: há o tio e o sobrinho. Aprígio foi contramestre. Aprígio! E eles dizem-{PHlli=lhe}... Se um qualquer quiser dizer mal, mas os outros {PHlnẽ=não} deixam. À confiança.

Código de identificação do ficheiro: ALV26-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 71-74	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 26	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ Olhe e como é que se chama um que não há aí pelo mar, mas enfim vai, vai muitos pescadores, e até daqui do Algarve vão pescá-lo, à Terra Nova...

INF Ah, pois! O bacalhau.

INQ Agora parece que andam a importar.

INF Eu parece-me que aquilo do bacalhau já não é coisa existente. Mas eu, a pesca que eu não corri foi o bacalhau. Tenho corrido várias pescas, mas à pesca do bacalhau ainda [ABl(não)] nunca fui. Era para ir mas não fui. E talvez tivesse razão de {PHlnẽ=não} ir. Isto, {pp} é sacrifícios.

Código de identificação do ficheiro: ALV27-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 84-93	Inquiridor2: José Sobral
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes e outros animais marinhos
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 27	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Um só é um?...

INF1 Chocos. Chocos. A gente chama aqui {fp}... A nossa palavra aqui é choco. Mas ele é chocos. A gente, cá, o Algarve é choco. Chocos. Chama-se chocos.

INQ2 Pois. Quando eles são muito pequeninos, como é que lhe chamam?

INF1 A gente chama-se aqui choquinho. Choquinhos pequeninos.

INQ2 Pois. Olhe e aquela espécie de perninhas que ele tem, como é que se chama aquelas...

INF1 {fp} É as campainhas. A gente chama as campainhas. Os raios com as campainhas.

INF2 Tinha aí muito disso.

INF1 [AB|Tem lu-] A gente chama {fp}: "A cabeça [AB|tem u-] tem uns raios". {pp}

INF2 Uns raios. Uns raiozinhos. O polvo e o polvo.

INF1 E a gente chama àquelas coisitas que tem agarrada as campainhas. É as campainhas {pp} que a gente chama.

INQ2 Pois. Uma só é uma?...

INF1 Também tem a ova. Tem a ova tal e qual que {fp}, enfim... Tem ovos {CT|ki'ma=como a} galinha. Tem, nos ovos grandes, tem um género de ovos pequenos. Os ovos grandes, acho que os ovos grandes (galados) vão levar aos pequeninos. E têm daqueles... {fp} {PH|ø'rumês=Arrumam-se} aí em certas {pp} moitas, certas arvorezitas, e {pp} {PH|'tirí=tiram} aquilo fora. E daquela ovazita pequena é que nasce o choco. Portanto, aquilo gera. E a gente vê ele gerar dentro. A gente às vezes esborracha, é uma coisita preta. A ova é preta. A ova é branca, mas quando {IP|ta=está} no choco, deixa-a agarrada àquelas pernas de árvores, deixa a água preta. E a gente às vezes esmigalha, vê o choquinho pequeno, gerado. {pp} Muitos, vários. Oh, o choco tem muitos! Muitos, muitos, muitos, muitos! É centos.

Código de identificação do ficheiro: ALV28-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 156-171	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes e outros animais marinhos
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 28	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Como é que se chama umas coisas que aparecem no mar, às vezes vão dar até às praias, dão à costa, assim brancas que, se a gente lhe toca, fica logo cheio, uma comichão muito grande, muito grande, muito grande...

INF Alforrecas, exactamente. Nasce da água, mas cria-se nos calores e na água é que faz aquilo. E há umas caravelas {pp}, que é azuis, que também chama-se {RC|carave=caravelas} – a gente chama caravelas, é tal e qual uma caravela –, também é de água má.

INQ2 É de quê, também?

INF Azuis. É de água má; cria-se das águas. Às vezes as águas estão ruins, já elas se criam das águas. Mas arde muito, dá muita comichão nos braços, aí algumas.

INQ1 E aquilo é o diabo, não é?

INF É! A alforreca até é venenoso. Até pode cegar uma pessoa. {pp} Não se pode mexer. {pp} Uma coisa que desfaz-se.

INQ1 Desfaz-se e uma pessoa fica cheio daquele veneno todo.

INF Pois. E depois dá as picadas. É insuportável.

INQ2 Essas caravelas de vez em quando vêm ter aqui assim à praia?

INF De vez em quando vem à praia, de vez em quando. Quando, às vezes, se vê estes...

INQ2 Eu aqui há tempo, aqui há tempo apanhei umas...

INF Exactamente. É pouco, não é sempre que aparece. Tem períodos de tempo que não aparece. É conforme os tempos, a época do tempo. Assim de Verão, e conforme as águas, quando vêm as águas, que se veja para dentro de água e traz aquelas coisas... Faz-se do mar, cria-se assim.

INQ1 Em Sesimbra, às vezes, chegam a dar à praia assim às quinhentas alforrecas.

INF Ui! Alforrecas há muitas, agora caravelas há menos. [ABIE há então {fp}] E há então {fp} a tartaruga, que (vem do) /vindo o (.../N), vem lá do destino delas às praias, e vem [AB|su-] correndo o mar e a gente às vezes apanha-as.

INQ2 Ah sim?

INF A tartaruga. Com a aguagem apanha-se. Não quer dizer que haja sempre. De Inverno pouco aparece.

Código de identificação do ficheiro: ALV29-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 01 lado: B min: 174-178	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 29	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INF Há várias qualidades de peixe que (até) ainda nós não se conhecemos. Eu apanhei aqui há tempo um peixe – já há duas vezes que apanho aquele peixe – {pp} e {PHInẽ=não} sei que peixe é. {pp} O peixe não é muito grande. É um peixe aí (dalgum) palmo. E {PHInẽ=não} sei que peixe é. [ABI Tenho que] Conheço vários homens do arrasto, conheço vários (colegas) e {PHInẽ=não} sei que peixe é. Eu amostrei-o {fp} a alguns poucos deles e {PHInẽ=não} souberam {pp} dizer que peixe é. Já há duas vezes que apanho aquele peixe. Apanhei ele quando era rapazinho e apanhei no outro dia, já o ano passado. Eu {PHInẽ=não} sei que peixe é. Um peixe desconhecido! Portanto que ainda não {IPIta=está} tudo...

Código de identificação do ficheiro: ALV30-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 01 lado: B min: 183-191	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os peixes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 30	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INF A tonina é uma espécie de uma mulher. É criadeira {CTlki'ma=como a} mulher. A tonina [ABlé uma cri-] é criadora {CTlki'ma=como a} mulher. {pp} [ABlPortanto que] E chora e tudo, quando os filhos... Quando apanham uma, elas começam a chorar. Os filhos começam a chorar (como as) crianças. Tal e qual uma criança. E é até amiga do homem. A tonina é um peixe que... {fp} A gente vai para o mar e se a gente tiver lá toninas, a gente começa a assobiar, elas vão, andam sempre de roda da gente. Não fogem. Não têm medo da gente. Mas já houve um tempo, aqui há uns três anos, que foi proibido de [ABlela] as apanhar. Que [ABlé um bicho] é um bicho que tem muita inteligência. E agora apanham... {fp}É um peixe que antigamente {PHlnẽ=não} era conhecido para comer. {pp} O peixe não faz mal à pessoa. A gente pode {IPltar=estar}... Pode {IPltar=estar} muito rente, e {PHlnẽ=não} (faz) /foge\ . É {CTlki'ma=como a} mulher. É criadora {CTlki'ma=como a} mulher. Acho que ela só cria dois. Dois. É {CTlki'ma=como a} mulher. Só têm dois. É mamífero. {pp} É claro, lá tem as mamas. É o destino da vida. Mas {PHl'memẽ=mamam} na mãe [ABl{CTlki'ma=como a}] como (mama a) /mamam na\ mulher. E é um peixe. É. Tal e qual {CTlki'ma=como a} mulher.

Código de identificação do ficheiro: ALV31-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 192-198	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os animais marinhos
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 31	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Olhe e como é que se chama um, um pássaro branco que anda muito aí atrás dos...

INF1 Das sardinhas?

INQ1 Sim.

INF1 O alcatraz.

INF2 Ai, (outro)!

INQ2 Diga?

INF1 O alcatraz. {pp} É alimentado só com sardinhas.

INF2 Ai, e apanha-as...

INF1 É. E a gaivota {pp} come várias qualidades. {pp} Come o choco, às vezes por cima de água, come o caranguejo {pp}, tudo o que apanhar. Come um pedacinho e às vezes limpa um camarão. E só alcatraz é que só [R]só o que só come é sardinha. Quem diz as sardinhas, diz ('genes'), diz agulhas, diz um peixe que ele apanhar. Mas só peixe! E já a gaivota {pp} come o que calhar. A gaivota come, vai, no tempo da azeitona, come azeitonas...

INQ1 Ai, entra para dentro para comer azeitonas?

INF1 Entra para dentro. Come figos. Se junta-se muito de roda das figueiras, come os figos. Come.

[ABIE o] E o alcatraz é só peixe.

Código de identificação do ficheiro: ALV32-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 208-226	Inquiridor2: José Sobral
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Aves e outros animais
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 32	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INF Ah, opinga-azeite? [ABlÉ muito] É muito poucos. (Encontra-se) /Encontram-se\ às vezes dois, três, e passa-se semanas sem se ver nenhum pinga-azeite, que anda sempre aí a apanhar o peixinho do rio. É um passarinho azul, muito bonito. [ABlAcho que] Ele, até, parece-me que {PHlnẽ=não} tem rabo. {pp} O pássaro (que se vê além) sem rabo é aquele. {pp} Há o maçarico-real e há o maçarico-marreco, o maçarico pequeno. {pp}

INQ1 Um é o real, e o outro é o?...

INF O pequeno. {pp} E há um passarinho, {pp} também no rio, que chama-se o ganso. {pp} O ganso é preto e branco. {pp} E há as garças-reais que vêm dessas ribeiras grandes, [ABlvêm fazer, vêm fa-] vêm fazer [ABlo] o período do tempo cá ao nosso rio a mariscar. Cinco, seis. [ABlÉ quase do tamanho] É do tamanho de perus ou [ABlmai-] maiores. Não sei se já tem visto? É a garça-real que vem aí dessas ribeiras aí da monda do arroz, vem aqui... Tem a sua época, vêm a Alvor – este é o rio de Alvor – a apanhar marisco {pp} e comerem os caranguejos e outras várias coisas.

INQ2 Essas devem ser muito bonitas...

INF São. Muito grandes. E não há ordem de apanhá-las. Que ele é: "São muito 'úteis'!" Aí das ribeiras, apanha toda a qualidade de espécie, toda a qualidade de bicharada. E aqui vêm (passear) o período do tempo; vêm; de Verão, vêm sempre aqui. {pp} E (enfim) nas ribeiras há vários. Há {fp}... Há {fp} o bicho nas ribeiras de água doce que é comparado ao cágado, é comparado {fp} à tartaruga e ao cágado.

INQ2 Pois.

INF E há vários.

INQ2 Aqui também há?

INF Há. Ali para cima do Vidigal. {pp} E há o lonstro. Isso é escondido, {pp} porque eu ainda {PHlnẽ=não} vi, mas há. Comem peixe, (tendo só do) peixe... O lonstro {pp}, diz que é uma espécie dum canito pequeno, muito gordo. Ainda {PHlnẽ=não} vi mas há {pp} e há. Às vezes a gente nas valas vê aí os buracos, que só saem de noite {pp}. Já temos apanhado. {pp} É o lonstro.

Código de identificação do ficheiro: ALV33-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 261-277	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O céu e os corpos celestes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 33	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Olhe, o que é que está lá em cima no céu que nos dá calor e nos...

INF O sol.

INQ1 E à noite?

INF À noite? Pois à noite {pp} o que está em cima é estrelas.

INQ1 Ou então, que nos dá luz?

INF Que nos dá luz? A lua. {pp} E a lua também dá calor. {pp} A lua dá calor. Que a noite de lua nunca se compara com a noite escura, é sempre mais quente. O luar é sempre mais quente. E que faz mal! A lua faz mais mal que o sol, propriamente. Coze. O sol, a gente diz que {IP|ta=está} calor [AB|{IP|ta=está}], mas também sua-se. Mas a lua coze-se a sentir. Portanto que a gente {pp} pondo a barriga à lua é uma doença. Costas ao sol... Sim, [AB|co-] costas à lua e barriga {PH|o=ao} sol.

INQ1 Pois é.

INF O sol ataca é dos pulmões. E a lua {pp} ataca é na barriga. A gente {fp} deitando-se {CT|pa=para} a lua com as costas [AB|{PH|nẽ=não}] {PH|nẽ=não} faz mal nenhum. Se é na barriga, faz mal. A doença penetra.

INQ2 Mas que doença é?

INF Vem a surgir {fp} várias doenças. O sol pode cozer o sangue {pp} e a lua assim pode cozer também. {pp} Faz mal [AB|{PH|o=ao} org-] {PH|o=ao} organismo {IP|tar=estar} a cozê-lo. A lua coze mais que o sol.

INQ1 Olhe, mas a lua não é sempre a mesma. Tem...

INF Ela será sempre a mesma.

INQ1 Pois, mas a gente é que não a vê...

INF Tem quartos. Ela será sempre a mesma. {pp} Agora (o período) da terra, essa coisa é que não {IP|ta=está} no meu alcance. Eu acho que a lua {PH|nẽ=não} se pode partir aos pedacinhos. Acho que seria sempre a mesma. Agora o período da terra é que vai diminuindo.

INQ2 Pois.

INQ1 Pois.

INF Eu {PH|nẽ=não} sei, porque {PH|nẽ=não} sou... [AB|Tenho]

INQ2 É na verdade, é isso.

INF Eu acho que seja assim. A lua deve sempre ser [AB|a me-] a mesma lua, mas o período da terra, como desloca-se a terra, então, isto não tem alcance.

INQ1 Pois.

INF Acho. (Domino) ali quando não há lua. Mas há lua! Agora as voltas que a terra dá é que ela se esconde.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: ALV34-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 291-301	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Os rios e os mares
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 34	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INF A lua bate {CT|kwɛz=com as} marés: quando a maré, na costa, na praia, {pp} {IP|ta=está} na baixa-mar {pp}: lua nascida, maré escorrida. A maré tem que {IP|tar=estar} na baixa-mar. Por acaso aqui ainda vaza um quarto de hora ou meia hora mas {IP|ta=está}... Propriamente, nunca {IP|ta=está} a maré a meia maré [AB|na b-] na coisa. Quando a lua nasce, {IP|ta=está} a maré sempre baixinha, {pp} na praia. [AB|Lua ch-] {fp} Lua nascida, maré escorrida. Lua posta, baixa o mar da costa. E a lua quando se põe também tem uma maré baixinha. Regula a lua {CT|kwɛz=com as} marés. {pp}

INQ1 Olhe, o senhor sabe como é que se chama uma roda que aparece à volta da lua?

INF Sei. O circo. Ou que seja funel.

INQ2 Que seja como?

INF Ou que seja funel. O funel, quando é azul, muito rente à lua; quando é mais espaçado, (lá) é o circo. Adivinha chuva, adivinha tempos.

Código de identificação do ficheiro: ALV35-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 306-315	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: O céu e os corpos celestes
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 35	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Olhe, e como é que se chama um, uma coisa que aparece no céu logo de manhã, como é que lhe chamam?

INF1 Ah! O vir do dia. O vir do dia rompendo. "Vem a aurora rompendo". A gente diz: "Olha, vem além a aurora rompendo".

INQ1 Assim uma coisinha brilhante que aparece...

INF2 Chama-lhe a gente uma aurora do sol. É a estrela da manhã.

INF1 Despontou o sol, depois já há... Pois é. A gente diz assim: "Olha, aí vem o vir do dia". E outros dizem: "Vem a aurora rompendo"!

INQ1 Pois.

INF1 E depois começa {pp} a vir os raios do sol... A gente chama os raios do sol. Antes de o sol vir, vem aquele... A luz, tem ocasiões que o sol ilumina com aquele fio, (com) uma espécie de raios.

INQ1 Pois, mas uma coisinha que aparece a brilhar?

INQ2 Uma estrela.

INF2 [ABIA estrela] A estrela da manhã?

INF1 A estrela da manhã nem em todos os tempos dá, nem em todos os períodos. Agora dá. {pp} Mas nem em todos os períodos dá a estrela da manhã. É como o cajado e o sete-estrelas. Eu tinha marcado. {pp} Parece-me que era a vinte e dois de São João {pp} que aparecia {pp} o cajado. E tinha marcado o período do antigamente (...). Mas agora já vai-me {pp} esquecendo. Sabia quando nascia o cajado e sabia quando nascia...

Código de identificação do ficheiro: ALV36-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 406-434	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: Não aplicável
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 36	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INF Cá no Algarve é assim. Uma pessoa, a gente é pobre aqui. Juntar para umas casinhas, ah! Corri o arrasto, nada ganhei. E (daqui ele) /daquilo\ também só dava andar do arrasto. (Bom), andei a contramestre. {pp} Ganhava mais que uma parte {pp} e sempre {PHlɛfɛvur'siɐ=favorecia}, além de ajuntar mais que um camarada. Sempre vinha uns patacos. Os outros ganhavam uma parte, eu ganhava duas. Quer dizer, comia igual a eles e aquela parte era para forrar. Se desse para eles, também davam para mim. Por exemplo, ganhava num ano dez ou doze contos, ou quinze contos, ou dez ou doze – não era nada – ou quinze contos, que ganhava-se pouco, agora é que ganham mais. Quer dizer, com os dez ou doze contos comia igual a eles {pp} e podia forrar cinco ou seis num ano; {CTlɔ=para o} outro ano forrava sete ou oito, e para o outro ano... E assim forrado, já dava mais que uma parte, que uma parte só. E também andei em enviados, também dava mais uma parte e fui ajuntando os períodos. Há quem tenha uma ideia e há quem tenha outra. Ele é assim. A gente tem uma ideia que há-de chegar, e tem umas casas para morar; e outros {PHlnɛ=não} têm, a gente {PHlnɛ=não} pode (vir lho dar). Agora quem {PHlnɛ=não} tem nunca (ele) /{PHli=lhe}\ pode comprar.

INQ Pois é.

INF Sim, quem {PHlnɛ=não} tem nunca pode comprar. E as ideias {PHlnɛ=não} são iguais. Há quem diga assim: "{fp} Ah, isto é comer e beber enquanto são novos. E a gente (cada qual tem a sua ideia)". E eu digo então: "Comer e beber é depois de ir mais {CTlpa=para a} idade". Sendo novos, forramos e depois quando se chegar à idade mais avançada, já {PHlnɛ=não} se pode trabalhar, temos então é que comer e beber... Na idade é que é; uma pessoa quando se é novos, poder, que pode-se. Se se puder; e se não se puder, paciência. Mas da idade é que precisa a gente de ter mais conta. E há o {RC|contrá=contrário}. Há alguns que dizem: "{fp} Ah (sendo) /isso de\ novos, é gastar e beber"... E mais tarde em sendo velhos?! (Quando eles queixam-se quando a gente estamos a dar alguma coisa) aos nossos filhos. É porque o diário do marítimo não é certo – se for só um diário. {pp} Se fosse corrido, pois eu

não me importava. [AB|Este ano ga-] Este mês ganho dez, sei já que para o outro mês ganho cinco.
[AB|Depois] Pois eu não me importo, vou vivendo assim. Tenho o meu ofício. Mas não. Eu posso hoje ganhar seis, sete ou oito e {CT|põ=para o} mês que vem posso não ganhar senão dois ou três. {pp} E assim como posso ganhar dez ou doze ou quinze ou vinte. Vou numa traineira e (poupo o) mais que eu puder. Portanto temos que deixar (de moralizar) umas pelas outras. (Desde hoje) temos que levar a vida {pp} quando ela (trama). "Olha eu agora vou-me alargando mais, pois tenho a vida mais larga"! A gente vai-se alargando conforme vai-se podendo. (Tem) /Tenho\ sido períodos ruins, anos ruins, e anos bons de pesca. E (tem) /tenho\ sido também anos de muitas fases pouco. Faltas é claro. Porque quem trabalha nunca sente muita falta, mas há anos mais melhores que outros. Há anos que a pesca falha. E aqueles que tem que nunca nada colhe pois estão mais mal... {pp} Porque a gente [AB|não é] não é uma coisa certa. A gente {IP|ta=está} acostumado, a gente diz assim: "Bom, este mês ganhei dez ou doze contos; vou-mos gastar". Mas lá vem outro mês que vem, {PH|nẽ=não} vem nada. A gente tem que deixar (de pôr) /por\ umas coisas por as outras. Por isso deixa-se umas reservzinhas, vai-se deixando às vezes conforme se pode. Ah, {PH|nẽ=não} havendo doenças... A minha mulher é que tem sido... Eu tenho sido saudável. A minha mulher é que tem sido doente.

Código de identificação do ficheiro: ALV37-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 445-482	Inquiridor2:
Tipo de texto: Interactivo	Assunto: A pesca
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 37	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ Hoje ainda vai apanhar um bocadinho de frio. Hoje vai apanhar um bocadinho frio.

INF Hoje geralmente já {pp} pela parte de noite... Mas sente-se, mas já não é tanto como é isto de Inverno. De Inverno é sempre mais. De Inverno a gente passa mais um pouco, com os barquitos, às vezes, molhados. {fp} Isto a vida do mar é arrastada! A gente está contando sempre com a morte. [AB|N-] O que vale a nós não morrermos mais é a barra de Portimão, que é uma santa! Se não fosse a barra de Portimão, havia aqui tanta avaria, porque a gente não temos auxílios nenhuns aqui. O salva-vidas {PH|nẽ=não} sai. [AB|Mesmo quando] Mesmo quando há {pp}, no tempo, ele tem medo de sair daquele barco, porque {IP|ta=está} a ver que aquele barco não é próprio ele também de sair. Isso desmanchou-se {pp} devido {pp} não {PH|li=lhe} darem ordens. Eu sou pescador, e ele chegava ao pé de mim: "Ápio, vamos embora à barra", e eu ia. Se eu pudesse me evitar de ir, {PH|nẽ=não} ia, mas como ele me apontasse tinha que ir. E se {PH|nẽ=não} fosse, era preso. Pois assim é que havia de ser a lei. Mas não, não quer... Ele está desejando que não vão e eles (não se apontam) /se importam\ que vão. E o comando não dá forças para ir. – Com licença –. Pois é um barquinho de borracha. E medo do barco de borracha tem ele, um barquinho pequeno, {CT|pa'i=para aí} duns quatro metros...

INQ Pois é, aquilo...

INF {fp}E ele mais das vezes vê (...), não vai lá. {PH|nẽ=Não} fazem caso, isto {IP|ta=está} assim. [AB|Os] Os grandes {PH|nẽ=não} sabem disso. {PH|nẽ=Não} sabem! Porque veio aí um senhor, aí, outro dia, e (a gente veio) falar. E eu tenho a direcção dele ali. Eu tenho a direcção dele ali. Se quando ele fosse embora, para eu {PH|li=lhe} escrever que {PH|li=lhe} dá... – (para a outra vez). {pp} Mas é porque eu disse que o homem tinha medo e tem medo de ir (com o) salva-vidas. O homem tem um salva-vidas para salvar a gente e a gente foge para a frente (porque também temos medo desta barra). Já tem vindo o salva-vidas de Faro (e vindo) aqui para ao pé da gente. (...) O que é que a gente foge. E depois a gente conhece aquelas ('roladazinhas'), às vezes mete-se nas ('roladazinhas') {fp}, as

ravessazinhas que têm aqui. Que isto é, quando é... Esta barra é a perigosa. Mas a gente tem a barra que não foge. {PHInẽ=Não} temos é solução nenhuma. Se algum dia {fp} der aqui para o azar é uma chatice. (Com certeza). Aqui o salva-vidas era bom era se eles pusessem um motor {pp} de quinze cavalos. Pois{fp} já socorriam {pp}

INQ Pois já.

INF a um homem. Porque eles agora, o que ele diz é que os homens {PHInẽ=não} querem ir...

Não{fp}! Então não há autoridade para mandar?! Somos todos marítimos. "Ó fulano vai e vai e tens que ir; se não vais, vais chamado à capitania". Que somos obrigados a ir! Mas pôs-se naquela coisa de {PHInẽ=não} ir e {PHInẽ=não} ir e {PHInẽ=não} se importarem disso para nada e: "{PHInẽ=Não} vamos".

INQ Porque aquilo ainda precisa de uns remadores, não é?

INF Pois, era seis – seis, seis, oito. Seis de cada lado {fp}e o contramestre [ABle o d-] e o mestre era oito. Mas isto hoje em dia já não há nada [ABlã, à{fp}] à acção de braço. Aquilo também é chato de remar. (...) Um motor ali é uns cinquenta contos. Pequeno, {PHInẽ=não} precisava de grande coisa. (...) (Que) o barquinho é um barco grande, mas aquilo é levinho. Se anda com oito remos, (se conduz a) remos, então com motor, qualquer motor serve. E aquilo {PHInẽ=não} é para ir lá fora; aquilo é só para salvar debaixo do mar. E é um barco que dá uma rodada no mar, volta-se e põe-se direito à mesma. Às vezes, se é precisar ata-se com correias. Aquilo não faz mal. Baldeia a gente, a gente fica [ABlcom t-] todo cheio de mar e {pp} na mesma {IP|ta=está} despejado. Até há um barco para levar umas camisolas de lã se a gente se molhar. Quer alguma coisa, uma coisa (também há) do outro barco. É um salvção. E o outro barco, às vezes, ele ia pôr o barco além para o mar e a gente de vez em quando ia ali. E é uma grande coisa. E assim {PHInẽ=não} temos... [AB|And-] Anda-se com medo, não temos nada aqui.

Código de identificação do ficheiro: ALV38-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 556-585	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Fenómenos atmosféricos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 38	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Fev.03

INQ1 Olhe, e às vezes o... Às vezes o vento faz, faz assim umas coisas que apanham tudo...

INF {fp} A gente chama às vezes, {fp} quando faz, um remoinho. {pp} Um remoinho.

INQ1 No mar é que há muitos, não é?

INF Há remoinhos, às vezes, do mar. Vem em remoinho do mar e tanto há no mar como há na terra. É {RClremoi=remoinhos}.

INQ2 Como é que se chama? É o...

INF Remoinho. Quando o vento, às vezes, {pp} faz [ABlum{fp}] – faz de conta – uma coisa de levar, {fp} de gerar...

INQ1 Pois, parece um funil.

INF Pois, um funil. É um remoinho. Chama-se um remoinho.

INQ1 Depois apanha tudo...

INF Apanha tudo, leva. Voa tudo a rastos. {fp} E (enfim), e a gente, às vezes, quando vê arcos-celestes – chama-lhe a gente arcos-celestes; ou que se chamem o arco-da-velha; aqui é arcos-celestes –, quando vê-se aquilo azul, é ventos próximo que {IPlta=está} {fp} a vir.

INQ2 Diga lá como é que se chama esse arco?

INF Arco-celeste. [ABIE, e a gen- e cha-] E há quem chame o arco-da-velha.

INQ2 Cá também?

INF Cá também. Diz: "Olha, o arco-da-velha"! Mas propriamente chama-se arco-celeste. Pois a gente, {PHlpu'zerĩ=puseram} o nome, e a gente...

INQ2 Arco?...

INF Celeste. Arco-celeste. E há quem lhe chame o arco-da-velha. E a gente vai com esta (razão) "É arco-celeste é arco-celeste"!

INQ1 Olhe, às vezes quando começam a cair umas pingas de água, diz-se que... Aquilo é o quê, é a?...

INF {fp} Quando se começa a cair uma...

INQ1 Assim do céu.

INF [AB|{IP|ta=Está}] {IP|ta=Está} a pingar. A gente diz-se: "(Já) {IP|ta=está} a pingar"!

INQ1 Pois. Mas está a...

INQ2 O que é que está a pingar? Está a pingar?...

INQ1 Está a pingar?...

INF Água {pp}, está a pingar. E outras vezes, quando {IP|ta=está} muito frio, às vezes chove aquelas pinguinhas de água e dizem assim: "{IP|ta=Está} a cair neve"! Às vezes, se está em ocasiões de noites muito frias {fp}, vem como a 'levrinhar' – a gente chama-{PH|li=lhe} 'levrinhar' – e diz assim:

"{IP|ta=Está} a cair neve"! Ou {IP|ta=está} a 'levrinhar'. Quando é {pp} pouca chuva, dizem assim:

"{IP|ta=Está} a 'levrinhar'!"

INQ1 Pois. Olhe e quando cai assim muita chuva, muita chuva, muita chuva?

INF [AB|Quando cai muito] Quando cai assim muita chuva, muita chuva?...

INQ2 Quando quê? Diga.

INF Quando cai assim muita chuva? {pp} Pois, a gente, às vezes, quando cai muita chuva, diz: "Eh!

Que pé-d'água"! [AB|O pé-d'água é fe-] "Eh! Um pé-d'água forte"!

Código de identificação do ficheiro: ALV39-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 01 lado: B min: 640-692	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Fenómenos atmosféricos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 39	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 Pois. Olhe e... Como é que se chama o... Portanto, depois vem o relâmpago, não é?

INF1 Exactamente.

INQ1 Mas às vezes o relâmpago cai na terra mesmo, nas árvores...

INF1 Perigo. Perigo. Dizem que cai {CTlku=com o} raio e com a centelha.

INQ2 Cai com?...

INF1 Com o raio e com a centelha. O raio, {pp} eu já vi; agora, a centelha, {PHlnẽ=não} vi. A centelha diz que é (de) espécie duma sachola {pp}, com três quinas {pp}, em serra. Três quinas.

INQ1 Pois.

INF1 E o raio é comprido. {pp} O raio é comprido e estreito. Tem também três quinazinhas. Tem três quinazinhas, o raio. [ABIE a] E a centelha [ABlé como a] é com uma serra, uma espécie duma sachola.

INF2 Boa tarde.

INQ1 Boa tarde.

INQ2 Boa tarde.

INQ1 Olhe, e depois quando a gente vê assim muitos raios?...

INQ2 Como é?... Desculpe lá, é, um é raio e o outro é?...

INF1 Centelha. Quando cai o perigo do relâmpago, traz raio ou centelha.

INQ1 Olhe, e depois quando se começam a ver muitos raios diz-se que está a?...

INF1 Do sol?

INQ1 Não. Quando... Se, a gente vê muitos raios, diz-se que está a?...

INF1 [ABIA v-] A fazer perigo. Quando a gente vê cair o... Quando a gente vê, às vezes, o trovão dá, o relâmpago dá em baixo, a gente diz assim: "Aquele relâmpago trouxe perigo"!

INQ2 Pois.

INF1 Quando a gente às vezes vê o relâmpago rebentar muito baixo, diz assim: "[ABIAquele relâmpago] O relâmpago trouxe [ABlperigo {pp}] perigo"! E o perigo, vem a centelha ou vem o raio

INQ1 Pois.

INF1 no perigo.

INQ1 Olhe, e às vezes por exemplo, a gente vai aí numa rua ou às vezes no mar e não vê nada à frente. Porquê? Há uma coisa que...

INF1 Nevoeiro.

INQ1 E se for um nevoeiro mais limpinho?

INF1 Um nevoeiro mais leve? Diz assim: "{IP|ta=Está} cerrado"! Mas, é claro, {fp} {IP|ta=está} cerrado. E assim (em) mais forte é nevoeiro. A gente (é quando diz então): "{fp} O tempo {IP|ta=está} cerrado"! Cerrado quer dizer uma coisa mais leve, que se vê a vista ao distante. E sendo {pp} que {PH|nẽ=não} se aviste [AB|qua-] quase nada, é nevoeiro.

INQ1 Pois.

INF1 Uma cerração, [AB|lav-, av-] avista sempre, mas, sendo nevoeiro, já {PH|nẽ=não} se avista nada.

INQ1 Olhe, às vezes, há uma coisa branca que cai de noite, que cai de noite, aí...

INF1 A neve.

INQ1 Pois, mas só cai de noite, de manhã aparece tudo branco.

INF1 Orvalho.

INQ1 Mas o orvalho é água e às vezes aparece uma coisa que é?... A cobrir também as coisas...

INF1 Pois. Pois, é a neve. A neve juntamente {CT|ku=com o} orvalho. Porque a neve faz água. Desde a hora que a neve derrete, é água. O gelo, o senhor põe o gelo, desde a hora que ele derreteu, o gelo, {pp} torna-se em água. Portanto, o que é que cai é a neve e da neve faz água. Ou a orvalheira. A orvalheira já não é (ele) o branco. (Ele diz-se): "Água de Verão, cai orvalheira" – quando vinham tempos do mar. {pp} Molhado, só! Não é frio mas é molhado.

INQ1 Pois.

INF1 Com licença.

INQ2 Claro. Portanto, o orvalho já é mesmo?...

INF1 O orvalho é diferente [AB|de {fp}] da neve. Porque o orvalho, mesmo de Verão com calor, cai orvalho de noite. {IP|ta=Está} molhado; a gente chega aí às paredes e (isso) {IP|ta=está} húmido. Mas não caiu frio. Portanto que a neve é uma coisa e o orvalho é outra.

INQ1 Pois.

INQ2 E a orvalheira?

INF1 E a orvalheira também. É o mesmo que o orvalho.

INQ2 Ah!

INF1 É molhado só, não é frio. Agora sendo neve, {pp} resulta... Da neve resulta também a orvalheira.

INQ1 Pois.

INF1 E a neve,

INQ2 Pois claro.

INF1 a neve derrete-se em orvalho.

INQ1 Pois.

Código de identificação do ficheiro: ALV40-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 01 lado: B min: 703-724	Inquiridor2:
Assunto: Fenómenos atmosféricos	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 40	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INF1 Quer dizer, às vezes, é o tempo mesmo seco, sem chover, que está aquele grande frio. A gente, às vezes, deixa aí um alguidar de água. Diz: "Olha! {pp} Uma barra de gelo"! E realmente congelou a água e é uma barra de gelo.

INF2 {IP|ta=Está} coalhada. {pp} {IP|ta=Está} gelada, {IP|ta=está} coalhada.

INF1 A neve faz gelo. {pp}

INF2 Bom, a neve faz gelo... [AB|Aqui há {fp}] A neve, há uma qualidade de neve que não faz gelo.

INF1 [AB|É a ne-] É a neve fria sem humidade.

INF2 [AB|É a n-] A neve que não faz gelo é a quente.

INF1 É a quente! Pois a quente é o orvalho.

INF2 (Homem), qual orvalho?! (Lá no lado) em que o Augusto está [AB|o Augusto está], põe-se nuvem, e cai a tal, cai [AB|a, a, o coiso o] {fp} a neve em cima, e não é frio.

INF1 [AB|A gente {IP|'təmuz=estamos} em... A gente] {pp} A gente {IP|'təmuz=estamos} em Portugal.

INQ Pois.

INF2 Agora quando cai a geadá lá, [AB|que é] que {PH|'ʃemĩ=chamam} o gelo, o gelo isso é que é frio (...).

INF1 A gente [AB|também] {IP|'təmuz=estamos} em Portugal, também cá há branco. Cai a geadá, cai o... Cai a geadá!... Cai o orvalho, uma espécie de neve, fica-se brancos e não {IP|ta=está} frio. Mas cá em Portugal é diferente. Desde a hora que cai branco, já {IP|ta=está} frio. [AB|Já é, já é] Já é {fp} o gelo.

Código de identificação do ficheiro: ALV41-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 44-51	Inquiridor2: José Sobral
Assunto: Os rios e os mares	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 41	
Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03	

INQ1 Olhe, mas este sítio mesmo em que o, o rio apanha o mar, como é que se chama?

INF1 [ABIApanha] Este sítio que o rio apanha o mar? Pois a gente diz assim: "A maré vai"... [ABIAma-]

INF2 Chama-se a barra.

INF1 É a barra. Onde é que (ele) apanha o mar é a barra. E tem as preia-mares e tem as baixa-mares.

INQ2 Não.

INQ1 Não?

INQ2 Não. Olhe, mas o rio...

INF1 Onde é que apanha...

INQ2 Um rio não é só... Isto, isso é o rio salgado...

INF1 Sim, o salgado.

INQ2 Quando encontra o mar é que, é que se chama a barra, não é?

INF1 Sim. A barra é {pp} unido com o rio.

INQ2 Pois.

INF1 Quer dizer, é{fp} a face, é a praia, o canal.

INF2 É a foz do rio. A foz.

INF1 É, quer dizer, é a barra entre o rio, {pp} pois, entre o rio e o mar. É a barra. {pp} É aí é que se chama a barra.

INF2 Pois.

INQ1 Ou o que este senhor também já disse.

INF2 [ABIOu] Ou a foz ou a barra [ABIdá o mesmo] dá o mesmo resultado.

INF1 Ou a barra.

INF2 A gente, da foz do rio, é além que vai desaguar.

INF1 Pois.

INF2 Chama-se a foz.

INF1 Tanto desagua como mete dentro. Quando ele começa a absorver a água, é da parte [AB]da b-] da barra é que vem, é do mar que entra para dentro do rio.

INQ2 Pois.

INF1 Porque os rios {PH}nã=não} têm saída. (O que é) vem é do mar para dentro. Portanto, desaguou, vem, é a baixa-mar e é a preia-mar. Quando a maré enche, {pp} fica cheio, e, quando a maré é vaza, fica escorrido.

Código de identificação do ficheiro: ALV42-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 02 lado: A min: 77-86	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O terreno, configuração e constituição	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 42	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 Aquela parte da terra que fica assim escorregadia...

INF1 A lama? A gente chama lama ou nateiro, {pp} quando chove.

INF2 É um nateiro. Quando chove faz um nateiro.

INF1 Nateiro. E o nateiro vai a lama.

INQ1 Pois. Olhe e, às vezes, assim, em terra, a gente, cai a, cai a água e fica um?... Muita lama fica um?...

INF2 Um lameiro.

INF1 Um lameiro, pois, ou um atoleiro. A gente chama aqui um atoleiro.

INF2 Ou um atoleiro. A gente chama-se aqui um atoleiro, que atola.

INF1 Um atoleiro.

INQ1 Pois. Olhe e nas lagoas e às ve-, há, há um bocado de terra suja e há um bocado de plantas agarradas. Diz-se que é o?... Que às vezes a gente até põe o pé e pode-se afundar.

INF1 Ah, o 'solveiro'. {pp} O 'solveiro'. A gente chama o 'solveiro'. Que às vezes há lama muito fofa, muito frouxa e a gente chama um 'solveiro': "Olhe lá, [AB|qua-] quase que me ('solve')

/[PH|sɔlvi=sorve]\".

INF2 [AB|Aqui na] Aqui [AB|na{fp}] na Penina, havia ali {pp} um 'solveiro' ali, muito grande.

INF1 Um 'solveiro', pois.

INF2 (...) Era uma fonte

INQ2 Pois.

INF2 {fp}e via-se a água nascer... A gente jogava uma pedra, {pp} {CT|prɔ=para o} fundo é que ia.

Para cima {PH|nẽ=não} vinha, porque com a força da água...

INF1 Porque tinha o 'solveiro'.

INF2 {CT|prɔ=Para o} fundo é que ia, [AB|para ci-] para baixo {PH|nẽ=não} vinha, para cima

{PH|nẽ=não} vinha. Sim senhora.

INQ2 Pois.

INF2 Diz que caiu lá – dizem, que eu [ABlnão] não conheci –, caiu lá uma vaca nesse sítio e assim que se afundou e nunca mais a viu.

INF1 São 'solweiros', são 'solweiros'.

Código de identificação do ficheiro: ALV43-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 02 lado: A min: 93-98	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: O terreno, configuração e constituição	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 43	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 Olhe e às vezes a gente vai na estrada e encontra assim... Estão assim uns buracos que, até com um bocado de água...

INF1 Chama-se poça. Poças.

INF2 (Lembram como) se chama a isso? É poças, (é, é).

INQ2 Uma?...

INF2 Uma poça.

INF1 Uma poça. Sendo várias, é poças.

INF2 Uma poça de água. {pp} Ou seja muitas poças.

INF1 Ou sejam muitas poças.

INQ1 Pois. Olhe e, às vezes, há uns bocados de, de, de, de água gelada nas poças, dão-lhe algum nome aqui?

INF1 A gente diz... A gente, às vezes, diz assim: "É bocados de gelo". Desde a hora que tenha água gelada, é bocados de gelo.

Código de identificação do ficheiro: ALV44-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 02 lado: A min: 190-200	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os rios e os mares	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 44	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 Olhe e há uns sítios em que o mar é pouco fundo e em que a gente arrisca encalhar. Como é que se chama esse sítio?

INF1 {fp} Isso é na barra de Olhão, antes de chegar à barra de Olhão. Chama-se [ABlca-] {fp} as cabeças ou [ABlca-] há quem chame cachopos.

INQ1 Pois. Que é um?...

INF1 E na barra de Vila Real também tem. {pp} Há quem chame cachopos. Mas da barra de Olhão... Antes de chegar à barra de Olhão, (assim) quando vamos daqui, à parte de cá, de oeste, [ABl(o este) /oeste\] tem uns grandes baixos. Tem que se ir pescar mais fora. {PHlɐpɐ'rɛ̃du=Parando} da barra de Olhão para lá, já não tem dúvida. Já escapa. Mas é antes de chegar à barra de Olhão que há uns grandes baixos, à parte de oeste. Chamam cachopos. E outros {PHl'ʃɐmĩ=chamam} cabeças de areia.

INQ2 Se for só... Se for um só, é um?...

INF1 Um cachopo. Mas tem vários. {pp}

INQ2 E pode-se também chamar baixos, é? Baixos também lhe chama?

INF1 Baixos, {PHl'ʃɐmẽli=chamam-lhe} baixos ou cabeças de areia. [ABlCabeça] Cabecinhas de areia.

Aquilo é perigoso ali. Já têm dado barcos que eu sei lá...

INF2 Já dei lá à costa.

INF1 (Já têm dado barcos lá que eu sei lá).

INF2 E a gasolina. Já lá fiquei encalhado.

INF1 Aquilo é perigoso ali. Também em Vila Real, é muito perigoso também.

INF2 (...)

INQ2 Pois, pois.

Código de identificação do ficheiro: ALV45-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 02 lado: A min: 205-222	Inquiridor2: Gabriela Vitorino
Assunto: Os rios e os mares	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 45	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 E às vezes há aí uns períodos que costumam ser ou em Agosto ou em Setembro ... em que o mar está muito bravo...

INF1 (...) Quando o mar {IP|ta=está} bravo, dizem assim: "Eh! Que maresia que está aí"! (Tal e qual).

INQ1 Pois. Mas um período, aí uma semana, em Setembro ou Agosto...

INF1 Isso é vendaval. Já se chama vendaval.

INF2 Já se chama vendaval.

INF1 Quando ele passa de um dia {pp} ou dois, [AB|já] já é vendaval. O mar {IP|ta=está}...

"[AB|{IP|ta=Está} i-] {IP|ta=Está} aí um vendaval".

INF2 Quando deixa do mar para aqui, [AB|já] já é um vendaval.

INQ1 Mas estas são umas que dão todos os anos, regularmente.

INQ2 Olhe, mas naquele, naquele tempo em que acontece, em que o mar recua muito e há a maré maior e a maré mais pequena.

INF1 [AB|E quan-] Quando o mar... Pois é.

INQ2 Depois há uma, há uma, depois vai...

INF2 É os cabeços de água. É. Chamam-lhe os cabeços de água.

INQ2 Não sei.

INF1 Não. [AB|Quando a gente] A gente quando o mar recua, bate na praia, recua para o (poleiro) e escoa. É quando a gente, a gente diz assim: "Que grandes enchias"! É quando o mar já (se quer), assim já [AB|quer já]... Estou a compreender o que a senhora quer dizer. É quando o mar vem à praia e depois fica vazio.

INQ2 Pois. Mas não, espere lá... Eu estava... Eu também queria isso que eu já estava...

INF1 "Que grandes enchias!" É enchias. Chama-se enchias.

INF2 É uma enchia. Pois. (...)

INQ2 Mas não é só isso. Há um, há um tempo, julgo que é em Março e em Setembro, em que as marés são as, as... A baixa-mar é a mais pequena de todas, do ano. E a, e a preia-mar também é a maior.

INF2 E a preia-mar é a maior.

INF1 Pois a gente cá na nossa... [ABIO que eu tenho t-] O que eu sei é: {pp} dias grandes, marés maiores; [ABInoi-] dias pequenos, marés mais pequenas. E a maré não é toda igual. Conforme os dias é que regula as marés. Se a noite ser grande, sendo a mesma maré {pp}, a maré é mais grande; que a noite seja pequena, a maré é mais pequena, é a do dia maior. Que a maré não é toda igual. Quando agora, por exemplo, agora na parte dos dias grandes, a maré do dia é maior e a da noite é mais pequena. Quando chegar à parte [ABIdas noites grandes, d-] das noites grandes, a maré é grande; e os dias são pequenos, a maré é mais pequena de dia. É os dois períodos. [ABIOs] Os (mais mares) igualam {CTlku3=com os} dias. {pp} Quanto mais [ABIno-] as noites... Quando chegar às noites aí grandíssimas de Inverno, a maré da noite é sempre maior que é a do dia. E agora é a maré do dia maior, porque igualam.

Código de identificação do ficheiro: ALV46-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: José Sobral Cassete nº: 02 lado: A min: 273-283	Inquiridor2:
Assunto: Os rios e os mares	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 46	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ1 Olhe e como é que chamam umas coisas que aparecem aí, uma espécie de plantas que há aí no mar, que às vezes o, até vêm ter à terra, que o mar traz para terra?...

INF1 Plantas?

INF2 (Eh, (...) sabes quantos eu apanhei hoje)?

INF3 É o golfo.

INF1 Pois é.

INF3 É o golfo, 'sevarrinha'.

INF1 Pois é. [ABIÉ] É o golfo que serve até para remédios.

INQ1 Pois. E umas que parecem até um chicote, que são assim compridas?

INF3 Oh! Eu sei o nome disso e agora não me recorda.

INF1 São alforrecas.

INF3 Parece umas correias.

INQ1 Também há umas que parecem umas correias.

INF1 Umas correias. A gente chama gamões. É aquelas correias grandes que ele nasce nas pedras. A gente chama gamões.

INQ2 Gamões?

INF1 Gamões. E o mar tem [ABlvárias] várias ervas, várias plantas, igual. O mar tem {pp} ginjas. {pp} Tenho apanhado. Já tenho apanhado figos e peras {pp}. Tem tudo igual. O mar tem os mesmos frutos que tem a terra, com a diferença que {PHlnẽ=não} são tão perfeitos. Ah! O figo é perfeito de comer. O figo é perfeito tal e qual como é o figo coito, é a mesma coisa. O figo é {RC|perf=-perfeito} porque tem pé e tem tudo. As ginjas já não é tão perfeitas!

INF2 E as salsichas que apanhámos? [Risos]

INF3 (Cozeste-me as) salsichas?

INF1 [ABIÉ já, já, isso] Vamos lá!

INQ2 Isso já vi.

INF1 Já viu? Isso é também tal e qual salsichas.

INF3 Tal e qual.

INF1 Uma coisa moderna que há. Apareceu agora. Isto aparece coisas modernas, não é?

Código de identificação do ficheiro: ALV47-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 02 lado: A min: 287-297	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 47	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INF Eu já tenho 'ouvisto' dizer... E (ele) disse-me logo [ABlum tipo {pp}] um tipo [ABlque tra-] que {IPlta=está} no grémio, disse-me: "Ó Ápio! Eu tenho [ABlli-] lido vários livros". E disse-me (...): {fp} "Ó Ápio! O período do tempo dará outras coisas {pp} que a gente {PHlnẽ=não} imagina. Assim como acaba com umas, nasce outras". E eu {IPl'to=estou} convencido que é.

INQ Pois.

INF Tem que vir outras gerações e outras coisas {CTlpa=para a} gente se admirar. Morre umas e vence outras. E eu {IPl'to=estou} convencido (que) mesmo {pp} a terra, os astros, o {RClpl-=planeta}... A gente não sabe... Eu não sei explicar {pp} o que é isto {pp} que dá... {fp} (É o mesmo que é serem) frutos, aparece uns, morrem outros, existem outros. [ABIE por isso... Há m-] Houve muito período, antigamente, houve aí o gafanhoto, aquilo metia medo! Era uma praga! A gente chamava uma praga. O que é é que a gente (se esquece).

INQ ...

INF Tem outras ocasiões que dá formigas! {fp} Tem ocasiões que há... Tem ocasiões, ou anos, que [ABlhá] é muito (quente) de {fp} borboletas, é muito... E tem várias coisas. {pp} E há ocasiões que {PHlnẽ=não} há, {pp} períodos de tempo.

INQ Pois é.

INF {pp} Pois é assim isto.

Código de identificação do ficheiro: ALV48-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Apúlio Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 314-331	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 48	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ Mas contam algumas histórias assim das bruxas, daí, ou não? Assim de fazerem bailes, ou não?

INF1 {fp} [ABIFa-] Diz que faziam bailes. Diz que faziam bailes.

INF2 Fazem, fazem. Faziam.

INF3 Faziam bailes ali [ABIna, na] na coisa, ali na...

INF1 O meu avô, Deus me perdoe, dizia {pp} que... Moravam ali... Morava ali na rua {PH|o=ao} pé do outeiro do lagar, naquela rua (como rompe) aquela casa de uma parede, e levantou-se, uma noite de luar, alevantou-se e disse: "Ó Cândida! Mas que lindos cantos tão lindos [AB|que {IP|ta=está} a-] que eu {IP|to=estou} ouvindo! Dança agora, roda agora! Mas que cantos tão lindos que eu {IP|to=estou} ouvindo! Não {IP|ta3=estás} ouvindo? {IP|to=Estou} ouvindo, para a quinta do Aqueronte uns cantos tão maravilhosos! Ainda não ouvi uma coisa tão maravilhosa"! E afinal, {PH|di'ziẽ=diziam} que lá as bruxas antigamente que iam dançar, faziam aquelas grandes rodas. E a minha avó diz assim: "Anda para dentro que isso é bruxas"! Isso 'desexistia', isso 'desexistiu'. {PH|nẽ=Não} se ouve falar dessas coisas. E realmente muita gente dizia {pp} que havia. E até, {fp}a respeito de bruxedo, até havia um fulano em Alvor {pp}, que era muito assim... É claro, há pessoas mais {pp} judias que outras, judeus que outras. Era muito judeu e não se queria crer em nada. Ele um dia teve umas falas com uma mulher e a mulher diz assim: "Deixa estar que há-de pagares"! Diz ele assim: "Há-de pagar eu? Pago sim. Diz-se que és bruxa mas comigo {PH|nẽ=não} tens entrada. {PH|nẽ=Não} há bruxas; nem há bruxos nem há bruxas". E ele andou, andou – porque ele o homem saiu de casa {pp} a umas tantas horas da noite {pp} –, e o homem saiu de casa [AB|le se-, e o] e sentiu um empurrão. Sentiu um empurrão: "Mas o que é isto? Mas o que é isto? Mas então o que é isto"? (As palavras não eram ditas), levar chapadas da cara! Deram-{PH|li=lhe} tantas e tão poucas que até um empurrão {PH|li=lhe} deram, foi contra uma porta {pp} e ficou estendido. {PH|forẽ=Foram} dar com ele (estando) /estendido\ quase morto. {IP|tevi=Esteve} mais de sete ou oito dias de cama.

Código de identificação do ficheiro: ALV49-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Assunção Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante2: Aspásia Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 03 lado: A min: 334-340	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 49	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INF1 A minha avó era muito reinadia {pp}. E então, no tempo de Carnaval, o que pensou ela? {pp} Em ir{fp} pegar num desses caldeirões – sabe o que é? – de barro, que faziam {fp}a comida. E então pega no caldeirão {pp} e vai jogar à porta [AB|duma] дума vizinha. Jogou. Nessa casa morava {pp}, diziam que era uma bruxa. {fp} E a minha avó quando joga o caldeirão, no que joga o caldeirão? É os cacos que se levantam atrás dela. A minha avó a correr e os cacos atrás. Chega a casa, caiu morta com o susto que teve. {pp} Contava a minha avó {pp} e a gente acreditava, coitada. Naquele tempo, já há anos. Oh, {IPlta=está} a ver, isto já...

INF2 Era então, diziam que era aquela pessoa que era bruxa, aquela mulher que era bruxa. Daquela vez, jogou os cacos.

INF1 Pois diziam que era... Diziam a pessoa [AB|que isto] – aquela que foi jogar-{PH|li=lhe} os cacos – que era bruxa.

Código de identificação do ficheiro: ALV50-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Aristógenes Idade:	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante3: Assunção Idade:	Sexo: Feminino Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Gabriela Vitorino Cassete nº: 03 lado: A min: 372-413	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 50	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INQ Então e lobisomens, conte lá. Havia cá um?

INF1 Havia sim senhor. Havia um lobisomem chamado [AB|Azor Belmiro] Aquiles Benjamim.

INF2 O Aquiles era Aquiles Benjamim.

INF1 Havia um lobisomem chamado Aquiles. [AB|Havia {fp}] Havia também um Aquilino. {fp}

INF3 Havia muitos!

INF1 Havia muitos mas [AB|um] eu conheci o Aquilino. Fazia albardas {pp} e assim metia-se do...

Era borracho. Era bom... Era assim borracheiro, {fp} de bebida.

INF3 Metia-se nos copos.

INF1 Bebia. E depois, quando {IP|tavẽ=estava} bêbedo, dizia o nome delas todas. {IP|tavẽ=Estava}

três, quatro dias de cama das porradas que elas {PH|li=lhe} {PH|davẽ=davam}. {PH|davĩli=Davam-

lhe} cada caldeirada de porrada, diz ele assim: "Oh! Andei com... Esta noite andei com aquela às

costas". "Andei com assim"... Ah, elas {PH|sẽ'biẽ=sabiam}, {PH|vinẽ=vinham} a casa,

{PH|davĩli=davam-lhe} tantas, tantas, tantas que ficava de cama. Era esse. [AB|E o Aquiles] E o

Aquiles Benjamim, a mãe sabia que ele era lobisomem e diz: "Ai, tirar a sina do meu filho, {pp} tirar a

sina do meu filho"! Diz ela assim: "O que há-de eu fazer"? – ó Aristógenes, então?

INF2 Então, quem quer falar, aqui não há (...).

INF1 "O que há-de eu fazer"? Diz as vizinhas assim: "Para tirar a sina do meu filho", diz que

queimado... Aristógenes, então assim não se entende, eu {IP|to=estou} falando e {IP|to=estou} com a

ideia em ti.

INF4 Ele já se cala, ele já se cala.

INF2 Fala tu, que eu...

INF1 Não, então {IP|to=estou} com a ideia em ti. E diz ela assim: "O que é que há-de se fazer"? (Ó)

vizinhas: "A gente tem que queimar a roupa dele". "Tem que queimar a roupa dele, mas como é que se

queima, como é que se faz isso"? {PH|nẽ=Não} sabia, diziam elas assim: "(Olhe, mais) experiência"...

Que eles tinham mais experiência, que já ouviam dizer. Diz assim: "Bem, apanham a roupa {pp} dele quando se foi despir"... Quando {IP|'tavẽ=estava} a feição faziam os 'tales' serões,

{PH|ʃe'mavẽ=chamavam} os 'tales' serões da empreita, que havia aqui muita gente que se governava {pp} era das esteirinhas. E depois, {IP|'tavẽ=estava} tudo em serão, e diz ela assim – tinha duas portas –, diz ela assim: "Agora vou-me eu ver" – a altas horas da noite –, "diz que é à sexta-feira e à terça-feira, agora vou-me eu ver se {pp} o meu filho {IP|ta=está}" {pp}. Que ele às vezes não dava notícia. Sabia que ele era e, às vezes... "Mas, vou-me eu ver se ele {IP|ta=está}". Ela, às vezes, achava por falta dele. Ele era solteiro e {fp} foi ver: "Não está. O meu filho saiu". Saiu, mas diziam {pp} que era da estrumeira, ela {PH|nẽ=não} deu com a roupa. Diz ela assim: "Oh, outro dia tenho que ir à pergunta dele". Tal não era a aflição, quando ele saiu, foram. A mãe foi atrás, foi atrás, sem... Aquilo era um quintal, escondeu-se e vê a {fp} travessa, ele despir-se... {PH|ʃe'mavĩli=Chamavam-lhe} uma travessa, era [AB|londe] onde é que {PH|deʃ|'tavĩ=deitavam} o lixo antigamente. E aquilo era arrumado mesmo a Alvor, (no fim) de Alvor. E a mãe viu ele despir-se nu. Despiu-se todo nu, não deixou roupa nenhuma. E ele andou às reboletas pelo esterco. {pp} Andou às reboletas pelo esterco e pôs a roupa num moitão. Aí {fp}, daí uma meia hora ou isso, a mãe vem contar. A mãe vem contar daí a meia hora e diz as vizinhas: "Vai buscá-la já e queima-a já! {pp} Queima-a já na rua. Entre para dentro"! Tudo no quintal: "Queime-a já, dê- {PH|li=lhe} fogo já. Vá além num instante". {fp} De maneira que foi, chegou ali, {fp} [AB|ld-] deu- {PH|li=lhe} fogo à roupa, fugiu para casa. {PH|nẽ=Não} tardou um instante, aí está ele {pp}. Aí está ele, havia patada nas portas, [AB|havia] havia empurrão, havia... Eu sei lá! Desejava de partir tudo em casa. As mulheres, tudo com medo, tudo trancado e bem trancado!

{IP|ti'verẽ=Estiveram} com medo, {PH|nẽ=não} {PH|sẽ'irẽ=sairam} a noite toda dali. E ele que levou... A luta levou... {PH|nẽ=Não} sei o tempo que a luta levou {pp}, naquilo. E {fp} desejava de matar todos. E chegou a pontos que chegou a madrugada, {pp} aquilo passou. Mais tarde ele punha-se: "Minha mãe venha-me dar uma roupa para eu vestir, minha mãe, que eu já não faço mal". A mãe tinha medo e as vizinhas... "Minha mãe vem"... {IP|'tevi=Esteve} ele nu até de manhã, (com o sol), [AB|ta-] dentro do quintal. {IP|'tavẽ=Estava} tudo cheio de medo. "Minha mãe, venha-me dar roupa, que eu {PH|nẽ=não} faço mal". Mais tarde [AB|quando] {pp} já quase ao nascer do sol, a mãe jogou- {CT|lẽ=lhe} a roupa pela janela, e diz ele: "Eu já não faço mal a ninguém". {fp}

INF3 Já tinha passado.

INF1 (...) Acabou a sina. Nunca mais se ouviu dizer que ele era lobisomem.

{PH|ke'marẽ=Queimaram}- {CT|lẽ=lhe} a roupa. Pois ({PH|sẽsi'dew=sucedeu}) /essa se deu\ cá.

Código de identificação do ficheiro: ALV51-C	
Localidade: Alvor Distrito: Faro	Concelho: Portimão Data: Nov.77
Informante1: Ápio Idade: 45	Sexo: Masculino Escolaridade:
Informante2: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Informante3: Idade:	Sexo: Escolaridade:
Fonte: ALEPG Inquiridor1: Cassete nº: 03 lado: A min: 541-555	Inquiridor2:
Assunto: Não aplicável	
Tipo de transcrição: Conservadora Autor da primeira transcrição: Sandra Pereira Autor da revisão final: Maria Lobo CD nº: 15 faixa: 51	Data da primeira transcrição: Jan.02 Data da revisão final: Mar.03

INF E antes disso, {PHIdi'ziẽ=diziam} que na Quinta da Rocha apareceu {pp} uma coisa – quando os homens andavam [ABlna{fp}] nos (.../N) –, apareceu uma coisa rente à borda de água, um raio jogou-se ao mar atrás deles, que eles fugiram com medo. Havia um mês ou alguns quinze dias. {pp} E a gente {pp} assustado. Diz o meu avô assim: "{PHInẽ=Não} tenhas medo, homem! Também és medroso! Olha que aquilo é um lontro". {CTI'kerø=Que era} para eu cá não ter medo. Digo eu assim: "Não{fp}. Eu, um lontro ouço dizer que é do tamanho de um canito pequeno e aquilo é tão grande"! Eh, aquela coisa surgiu outra vez, deu aqueles grandes urros {pp} e, para se saber que {PHInẽ=não} era lontro, ardeu {pp} uma chama de fogo {pp} – encarnado! Agora é que eu {PHInẽ=não} me lembro se era encarnado no princípio, se foi verde no princípio. Mas não tenho é bem a certeza. Mas parece-me que foi encarnado no princípio. {pp} E depois foi verde. Tal e qual uma festa, quando se faz aquelas que se chamam uma labareda de fogo a arder. A praia a arder, em chama, em faíscas, {pp} e depois fez-se em verde. E o meu avô diz assim: "Eh rapaz, dá-me aí fogo"! E eu (olhei) para ele: "Ó senhor, tenha juízo, tenha vergonha. O que é que vossemecê {IPIta=está} fazendo"? "Dá-me aí fogo para eu acender o cigarro". {pp} E mais tarde é que me diz: "Ápio, aquilo é uma alma perdida"!